



AVULSO

1^{ESC.}
1.20

ANO III-N. 108

10

JUNHO
1943

SEMANA
DA
TUBERCULOSE

As senhoras de Lisboa fizeram o peditório anual e o público soube corresponder à humanitária iniciativa.

(Foto Serodio)

Vida
Mundial

ILUSTRADA
Semanário gráfico de actualidades



SENHORA
ETHERINGTON-
SMITH

Espósa do sub-gerente da Shell Company of Portugal, foi agora condecorada pela Cruz Vermelha portuguesa, como de monstação do aprço em que é tida a sua dedicação por aquela Instituição.



ACÚRCIO
PEREIRA

Jornalista da melhor estirpe, com uma vasta bibliografia valiosa, publicou «Os 295 dias que abalarão a França» (Os bastidores da derrota). É uma magnífica edição de «Vida Mundial», e um dos melhores livros que em Portugal se tem escrito sobre a guerra, que será posta à venda por estes dias.



HUGO ROCHA

Um escritor que tão bem traduz as inquietações da nossa época. Os seus romances, como este «Conto Branco», que acaba de publicar, refletem as qualidades do romancista que é estruturalmente jornalista.

AQUI entre NÓS



DR. EURICO
PAIS

Foi-lhe conferido o grau de académico de Doutor em Medicina, com direito ao uso das insignias doutoriais. É um dos mais novos e destacados elementos da Ciência Médica Portuguesa.



RAFAEL
MARÇAL

O autor de «Epi-sódios da História de Inglaterra» que tão assinalável êxito obteve, publicou «A primeira aliança portuguesa» (resumo histórico de aliança entre Portugal e a Inglaterra). Trata-se de uma excelente edição de «Vida Mundial» a que está por certo reservado um novo e merecido êxito.



TOMAZ DE
AQUINO

Acaba de ser nomeado presidente da Sindicato Nacional dos Tipógrafos. É um espírito aberto a úteis iniciativas e que certamente continuará a defender com brio os interesses da sua classe.

Inventário & Balanço

Nuvens e revoadas

A Semana da Tuberculose passou mais uma vez. Durante oito dias, lança-se mão do arsenal da publicidade, que é pôsto ao serviço da divulgação de conhecimentos úteis, precauções indispensáveis, remédios a tempo, cautelas inadiváveis — e faz-se o possível por agenciar alguns milhares de escudos para o mealheiro da benemérita obra que a A. N. T., incansavelmente desenvolve.

Um problema como o da tuberculose é tão grave, tão vasto, tão extenso e tão profundo que absorve, desde a sua descoberta, as atenções dos governos e dos próprios organismos internacionais em que os governos se fazem representar. Mas a tuberculose, mais do que uma simples doença que possa curar-se pela acção da ciência médica, é um mal de característica por assim dizer social, em que importa procurar, resolver e extirpar as suas causas — que são conhecidas. É claro que há individualidades orgánicas predispostas para a colheita e desenvolvimento do mal, mas êsses são os casos raros ou, ainda que não fossem, seriam os casos para a acção médica. O aspecto social da tuberculose é o problema da insuficiência dos meios de vida — insuficiência alimentar, de repouso, de casa, de higiene.

Claro que, quando se diz isto, não se pode arvorar semblante de ter descoberto a pólvora, porque se trata de verdades sabidas e assentes de há muito, mas essas verdades têm que estar à base de qualquer sugestão do problema em causa durante a semana de actividade e propaganda promovida pela benemérita A. N. T., para que cada um lhe cabe na grande tarefa, pelo menos das precauções a tomar.

Isto pode parecer difícil e exagerado. Mas não é. Há a necessidade de uma consciência individual — para isto como para tudo: não será preciso muito dinheiro, por exemplo, para cada um se lembrar da conveniência de não beijar as crianças. Nem será preciso muito dinheiro, mas apenas um pouco de bom senso, é fácil de concluir, para que tivesse sido possível evitar este aspecto a que só faltou, para o fixar, a objectiva de um fotógrafo: 9 horas da manhã, de um dos dias do peditário, na paragem de «eléctricos» de S. Sebastião da Pedreira: enquanto não chegava o «eléctrico», uma das damas da cruzada ia alfinetando emblemas aos presentes, ao mesmo tempo que um varredor da Câmara, de vassoura em punho, ia arremessando nuvens e nuvens de poeira sobre os contribuintes, sobre a senhora que fazia a cobrança, sobre o cofre e os anteriores emblemas...

Não poderia começar por aqui a propaganda?

Vida MUNDIAL
PUBLICA-SE TODAS AS QUINTAS-FEIRAS

DIRECTOR:
JOSÉ CÂNDIDO GODINHO
EDITOR E PROPRIETÁRIO:
JOAQUIM PEDROSA MARTINS
REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO:
RUA GARRETT, 80-2.º — LISBOA
TELEPHONE: 2 5 8 4 4



AS figuras criadas pelos romancistas ou pelos dramaturgos serão, mais ou menos, o reflexo da sua personalidade? Eis uma pergunta que, muitas vezes,

tem sido feita, e à qual responde, judiciosamente, num artigo que lemos, há pouco, o autor dos Galos de Apolo e das Cartas de Londres. É evidente que na obra dos escritores existe, sem dúvida, alguma coisa da sua vida e muito da sua psicologia; mas a grande, a imensa maioria dos elementos com que constroem as suas criações, não lhes são fornecidas pela intuspecção, mas pela observação do mundo exterior; provêm do drama alheio e da alma alheia; foram colhidos na vida que freme e tumultua, à sua volta, e que — essa sim! — se reflecte na sua obra como num espelho. Supomos que esta série de conceitos corresponde à realidade dos factos. Tudo o mais, salvo o devido respeito, é excesso de literatura.

A moda das pernas sem meias implica naturalmente, implicitamente, a moda dos pés nus. Agora metam êsses pés nus nuns sapatos da moda, espécie de sandálias de frade disputando um campeonato de saltos em altura — e terão uma imagem real de como calçam as elegantes do nosso tempo. Quem nos havia de dizer que os dedos de fora, durante séculos, símbolo de pobreza franciscana, haviam de converter-se em símbolo de requintado mundanismo!

PASSOU agora o aniversário de S. M. o Rei Jorge VI de Inglaterra. A Imprensa referiu-se à mais alta figura do mundo britânico com o relêvo que as suas altas virtudes merecem. Também nós não queremos deixar de nos associar aos cumprimentos que lhe foram endereçados. Na pessoa do seu ilustre embaixador, sir Ronald Campbell, que com tão elevado espírito de isenção representa o seu país entre nós, cumprimentamos a grande nação, velha aliada de Portugal.

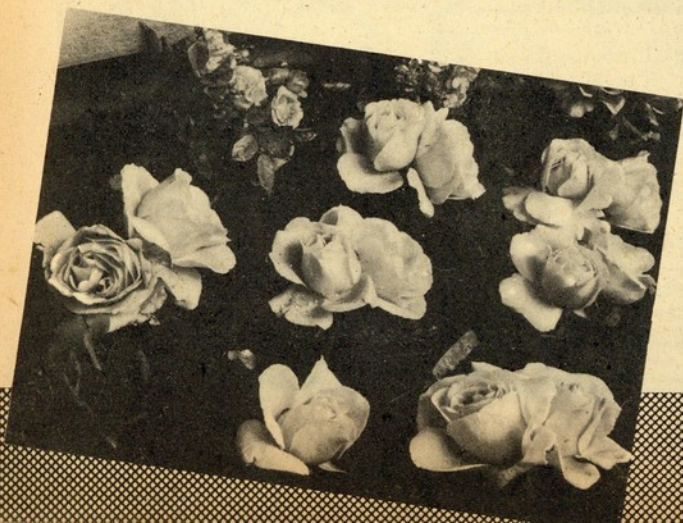


FLÔRES *de* PORTUGAL

DURANTE muitos anos, as flores em Portugal foram simples motivo de adorno — sujeito às vicissitudes da má cultivatção e tratamento de acaso. Não interessavam às indústrias incipientes da nossa terra nem satisfiziam o requinte — vá lá — bastante «snob» daqueles que caprichassem em exhibir as mais lindas flores da Europa. E era assim que se mandavam buscar, de avião, de automóvel ou combóio, em embalagens seguríssimas, as delicadas violetas a Parma, as perfumadas rosas à Hungria, os lírios, as flores de laranja, as açucenas ou os «jarros» a Nice ou onde quer que a moda e o culto da flor tivessem criado raízes de bom gosto e perfeição na bizarrria de formas e distribuição de cores. Tinha-se perdido com os séculos o prazer da contemplação das flores que o Oriente revelara tão cedo aos portugueses e não se criara ainda o interesse vitorioso da sua industrialização. Entretanto, numa tendência tão peninsular — os cravos e as papoilas de Espanha, as verbenas e as camélias de Portugal — a nossa terra correspondia aos ensejos do seu povo: tódas as primaveras o solo adusto, a charneca, o rochedo, se desfaziam em flores, roxas de luto, nos rosmanos, doiradas umas vezes, brancas de neve e rubras cór de fogo nos tojos e giestas. Não havia, porém, um estímulo que desse alento aos cultivadores de jardins — já que da terra baldia ninguém cuida.

El foi então que a Câmara Municipal de Lisboa criou, com as festas centenárias, este gosto dos certames de flores: em 1940, Lisboa deslumbrava-se diante dos cantelros da Tapada da Ajuda, que ressurgiam numa policromia magnífica, exuberante. Afinal, na nossa terra, havia valores criadores desconhecidos, muitos factores dispersos que valorizavam o conceito de civilização dos portugueses. Havia quem se dedicasse à floricultura com interesse honroso...

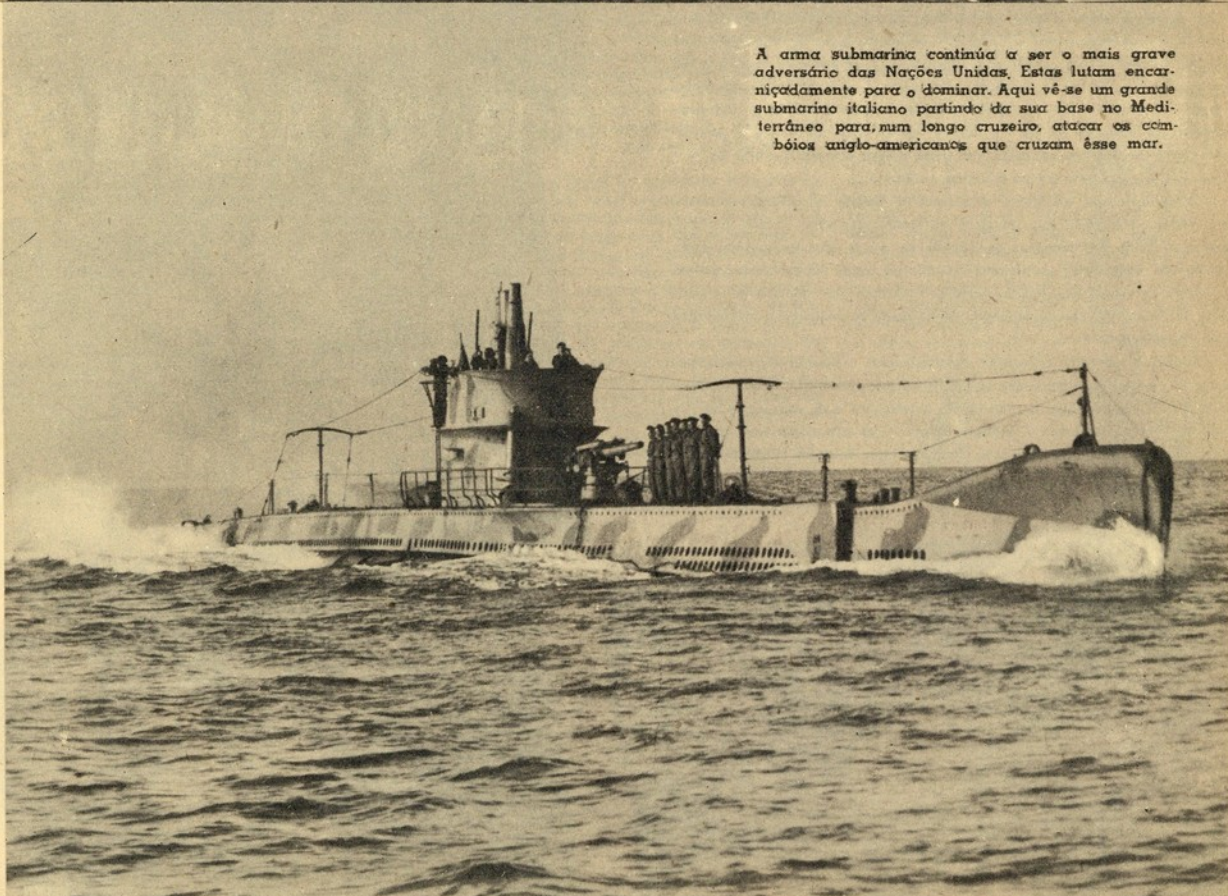
Tódas as seguintes exposições demonstraram o mesmo expoente artístico e as mesmas possibilidades de industrialização florícola. A que este ano se realizou — lá em cima no Jardim da Estréla — é mais uma expressão de bom gosto e de progresso — digamos técnico — na arte difícil de criar tão lindos e preciosos motivos de arte, como estes que ilustram esta página.



A Itália espera a invasão dos exércitos anglo-americanos. Está por isso vigilante, disposta a repelir os invasores. Esta foto mostra-nos uma das poderosas defesas da sua costa mediterrânica.



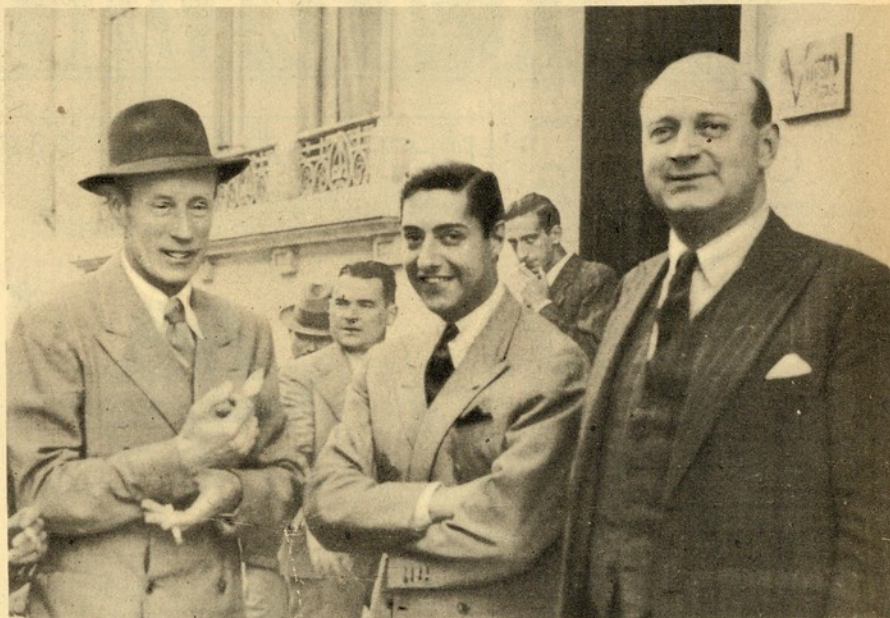
A arma submarina continua a ser o mais grave adversário das Nações Unidas. Estas lutam encarnadamente para o dominar. Aqui vê-se um grande submarino italiano partindo da sua base no Mediterrâneo para, num longo cruzeiro, atacar os comboios anglo-americanos que cruzam esse mar.



OS ultimos SORRISOS de

Leslie HOWARD

Alfred CHENNALLS



Leslie Howard e o «manager», Chennalls, com Augusto Fraga, já no aeródromo da Portela de Sacavém

QUANDO a máquina devora um homem de talento, como era esse inesquecível Leslie Howard, os outros homens sentem o desejo de extinguir o motivo desse desaparecimento. Se pudéssemos, destruiríamos todos os aviões do Mundo — inutilidade, porque o talentoso artista já não está aqui, com a sua figura magra, esquelética, com o seu sorriso quasi infantil e o seu espírito cristalino a fazer-nos «blagues» sobre a vida, essa vida que merecia o seu desprezo de ente superior, pairando acima de todas as pequeninas misérias humanas.

Vimo-lo partir para a sua última viagem. O progresso mundial trouxe uma segurança de transporte capaz de aniquilar a memória dos profetas de desastre, mas naquele momento em que se despediu do escasso grupo de amigos, houve uma nuvem de mau presságio nos seus olhos. Ele mesmo dissera que não se sentia satisfeito com o número dos passageiros. Eram treze. Mas resolveu rir, resolveu gracejar com o facto — não fosse o repórter, ansioso por notícias sensacionais, dizer que ouvira dos seus lábios a confissão da tragédia, prevista «ipsis literis» pela vítima: — Ele não queria ir. Disse-me ao ouvido: «esta é a minha última viagem...»

É sempre assim. As vezes, o navio não chega ao seu destino. Uma ponte que abate provoca a queda do comboio. E surgem, então, os homens de boa memória: — Coitado! A sua tristeza na despedida parecia mau presságio.

Leslie Howard não adivinhou nada. Acentuou, apenas, que o número treze não lhe agradava. E, depois, riu-se. Riram-se, até, todos os que estavam à sua roda. Todos sabiam que hoje os homens partem e chegam, deixando atrás de si um punhado de palavras capazes apenas de justificar o senso profético. Nem lágrimas tão dolorosas quanto as da idade da pedra, nem o lenço branco, agitando, sintetizando num «adeus» toda a separação, como um complemento da ideia, uma espécie de acessório no conjunto. Nem houve sequer aquela atmosfera que rodeia hoje, como em todas as épocas, a partida para as grandes viagens, traduzida nos beijos recessos à família imóvel e inconsolável, chorando antecipadamente o que o destino talvez não realize...

Eu fixei os olhos de Leslie Howard. Tinham o mesmo brilho de sempre. Não eram como os dos nobres que, na Idade Média, antes de montar a cavalo com o péso esmagador da armadura, dirigiam um olhar melancólico à castelã acompanhada de uma interrogação: «voltareis ou não?» Apenas saudade de abandonar amigos novos e alegria de ir encontrar amigos velhos. Não havia argumentos decisivos para as lágrimas. Nem mesmo os treze passageiros do avião. Simples, muito simples, os dois sorrisos dele e do seu companheiro Chennalls, que lhe fora em vida uma espécie de zelador dos seus interesses.

Aquela figura singular de intelectual, expressão de uma inteligência que está a desaparecer da face do mundo, faz-nos pensar no que será a Terra dentro de alguns anos, quando os homens da sua geração já não participarem das relações entre os povos. A missão que o trouxe para esta fatal viagem não podia deixar de dar bons frutos. Aquêle sonho de virem a federar-se todos os países europeus produtores de cinema, sonho que não podia ter realidade, embalou-o na vida como na morte. Repetiu-o na sua despedida — despedida singela, sem pretensões, bem de acordo com a sua personalidade.

Leslie Howard era um desses actores em quem a gente pode ter confiança. Difícilmente, ele aceitaria trabalhos que não estivessem à altura do seu senso crítico. Por ser um artista completo, culto e dono da sua arte, os comerciantes do cinema não conseguiam a sua prevaricação, fazendo com que ele profanasse a sua sensibilidade artística. Aliás, o velho Bernard Shaw, com aqueles agudos e penetrantes olhares da sua inteligência, consagrou Leslie Howard, escolhendo-o para intérprete e co-director do seu adorável «Pigmaleão». E note-se que Leslie Howard não fazia questão de ser um galã envernizado, aparado, trabalhado, trabalhado pela «maquillage», bonito e lambidinho. Lembram-se que em «Intermezzo», essa apaixonante história de amor, ele se apresentava tal como deveria ser o tipo de um violinista nomada e inquieto do personagem, sem grandes apurados de indumentária. Em «Comédia do amor», Leslie Howard e Betty Davis eram uma grande surpresa. Ah! Que delicioso filme! Os dois trágicos de «Floresta petrificada» surgiam admiravelmente nessa hilariante história que era um primor de invenção e direcção. Era a história de um casal de artistas shakespearianos, cujo êxito máximo era a representação da mais romântica das peças do génio de Stratford-sur-Avon: «Romeu e Julieta». Viviam, porém, como o cão e o gato e Romeu dizia «eu amo-te», mordendo a orelha de Julieta e esta murmurava «eu adoro-te» cravando as unhas na nuca de Romeu...

Leslie Howard fazia um tipo de actor como certa gente deve existir muitos: amando as belas frases, tiradas de memória das grandes peças de repertório, e impedindo de viver a sua própria vida, em consequência da profunda influência das personagens que cria e das situações, cómicas ou dramáticas, que vivera sobre a sua pessoa. Era um filme para as pessoas inteligentes, como, de resto, eram todos os filmes de Leslie Howard. Se a morte é o único meio de identificação para os que viveram na obscuridade, quasi fora do mundo, ele não precisava de desaparecer tão trágicamente. Vivera bem conhecido e apreciado de todos. Não era um anónimo como aqueles que precisam de um acidente para ter um nome, que passam diariamente invisíveis à nossa distração e de

cuja personalidade só tomaremos conhecimento pelo noticiário dos jornais. Leslie Howard não era um parafuso insignificante da engrenagem gigantesca dessa máquina que se chama cinema. Não necessitava de morrer tão trágicamente para obter a fotografia nos jornais. A sua existência não foi incolor, género parcela anónima de um conjunto. Não morreu neste desastre de avião, matando consigo o seu anonimato. Era bem conhecido — conhecido de mais como um dos verdadeiros, dos sinceros intelectuais que arrastam a sua sombra pelos panos brancos das salas escuras. A sua posição no cinema, ou melhor, no mundo da arte, tornou-o igual a um desses heróis que, depois de libertar uma nação, são convidados, pela glória, a desaparecer trágicamente, fornecendo à posteridade o direito de exigir uma estátua em sua homenagem.

A inteligência é um quarto que pode ser forrado de diversas maneiras: enquanto uns decoram frases, outros recitam versos do poeta predileto e outros vivem agarrados aos seus sonhos. Os «businessmen» conhecem, na ponta da língua, todas as complicações das leis de câmbio, desprezando os que abarrotam a memória de ideias desprovidas de algarismos. Outros limitam-se a estudar nomes de borboletas ou a classificar lagartixas. Esses serão sempre ridicularizados pelos intelectuais cuja imaginação está lotada com projectos irrealizáveis, com deliciosos sonhos sem consistência, porque lhes faltam os recursos dos «businessmen». Era isso que lhe fazia ter horror por Hollywood, onde tudo funciona como uma máquina admiravelmente afinada. Leslie Howard nunca poderia enriquecer. A sua miséria resolvia-se no cérebro. Quem tem, apenas, a inteligência voltada para os sonhos não pode imaginar os bons negócios ou traçar planos para bem empregar o dinheiro. O génio artístico é concorrente desleal do génio comercial e um deles deve aniquilar o outro. Por isso, ele andava sempre acompanhado do seu amigo Alfred Chennalls — seu companheiro na vida e na morte...

O tempo se encarregará de consertar a emoção provocada pelo trágico acontecimento. Mas não conseguirá apagar da nossa recordação a sua figura cativante, a fidelidade do seu gesto, a subtilidade do seu espírito, a sua ironia de homem de talento, habituado a encarar com filosofia todos os factos da vida. E a última viagem de Leslie Howard foi mais uma prova de fidelidade à sua inteligência: regressava à sua pátria com um enorme e completo «dossier» de projectos e sonhos. E a sua morte foi bem a de um sêr superior. Leslie Howard não era homem para acabar burguesmente num leito, rodeado de enfermeiras, despedindo-se lentamente da vida e da família. O seu último capricho foi o do génio, sobrevoando a terra, que ficou, cá em baixo, procurando-o entre as nuvens do céu...

CALCADA DA GLÓRIA

POETAS POPULARES

O orreio trouxe-me, uma manhã destas, um pequeno livro de quadras intitulado «Quando começo a cantar», e cujo autor, de nome António Aleixo, é um simples cauteleiro dos arredores de Loulé. António Aleixo é, estruturalmente, um improvisador. Os seus versos traduzem por isso mesmo — e não é esta a sua menor virtude — a saborosa espontaneidade com que foram feitos, em regra nas feiras e nas romarias. O poeta enfileira, assim, na estirpe dos nossos vates, caracterizadamente populares, ao lado de Gonçalo Anes, de Joaquim Manuel, de Manuel Alves, de Júlio Janota, de Miguel Caleiro, de Guilherme Coração, de José Eliseu, de Adelino Veiga, de José Fernandes, e de tantos outros, a quem Apolo concedeu a suprema graça de erguerem as suas líras de ouro, não nos sumptuosos jardins de. Academo, mas nos pequenos recantos floridos que povoam, como aguarelas, toda a ecloga portuguesa. Transcrevo de António Aleixo:

Eu já não sei o que faça
P'ra juntar algum dinheiro;
Se se vendesse a desgraça
Já hoje eu era banqueiro!

Se por um dedo se conhece um gigante,
talvez por uma quadra — quem sabe! — se possa ficar conhecendo um poeta!

ODORE DI FEMINA

FERREIRA Gomes dizia-nos, há dias, sentado a uma mesa dum «café»:

— As mulheres não perturbam com o seu perfume — aliás do perfumista; perturbam com o seu «cheiro» — que esse, sim, é só delas...

MÁ SORTE?

UM dos prémios do concurso de peças para o Teatro do Povo foi conferido à ilustre jornalista Manuela de Azevedo pela sua peça *Má-Sorte*. Em face do prémio, não seria oportuno mudar-lhe o título para *Boa-Sorte*?

O SUISSO E O MARTINHO

PARA comemorar o recente aniversário da *Vida Mundial Ilustrada* realizou-se um almoço no «Suíço». Entre os convivas estava o jornalista Manuel Martinho. Pela primeira vez se viu este facto estranho: o «Martinho» almoçando no «Suíço»!

CERTEZA

— E verdade, doutor — perguntava uma cliente ao seu médico — que há pessoas que são enterradas vivas, por engano?

— É verdade — respondeu o médico. — Mas pode ficar descansada, que isso nunca sucederá aos meus doentes...

PRECE A JOÃO DE BARROS



João! No teu altar deponho minh'alma incerta,
Em teu louvor!
Perdoa-me se é pobre e mesquinha a oferta
E se a dívida a queima e se a mácula a cor!

Perdoa-me! Bem vez: — não tenho nada mais
Que possa consagrar-te,
Partiram-se-me da lira as cordas imortais.
Adeus, ó minha Arte...

Se ficares descontente, não hesites: crava
Tuas unhas bem fundo...
Na minha alma pobre que é a tua escrava,
Para bem do mundo.

Vem com tudo que em ti é sonho, pensamento,
Vertigem e monóculo,
Lirismo e ambição:
E se eu te fugir, levado pelo vento,
Olha-me por um monóculo...
Deixei-te a minha alma. — Que mais queres tu, João?

O RETRATO

CONTA-SE que uma senhora ainda nova, pertencente à nossa sociedade elegante procurou, um dia, Columbano para que este lhe fizesse o retrato.

— Mas garante-me a semelhança? — quis ela saber, porventura esquecida dos méritos do pintor.

— Sem dúvida, minha senhora.

Ela insistindo:

— E por quanto tempo?

LIÇÃO DE TEMPO

E já que falamos de pintura, talvez não conheçam esta anedocta: Zéquinha, com tem 10 anos, visitava, com o pai, que tem 40, uma exposição. De repente, Zéquinha, com a natural curiosidade das crianças, perguntou, vendo a legenda dum dos quadros expostos:

— O que quer dizer isto: «Mulher adúltera»?

O pai, colhido de improviso:

— Em sendo homem o saberás.

FILOSOFOS

CONCLUÍDO um prédio, mandou-lhe o senhorio pôr na frontaria, por cima da porta de entrada, um «panneau» de azulejos com estas palavras: «Por aqui não entra coisa má».

Pergunta dum filósofo que foi ver a casa:

— Por onde entrará o senhorio?

UMA RESPOSTA

HENRIQUE III, de França, mandou uma embaixada a Isabel de Inglaterra, com propostas de casamento.

— Antes quero casar com um príncipe a quem faça rei — respondeu-lhe a orgulhosa princesa — do que com um rei que me torne rainha.

PALAVRAS CRUZADAS

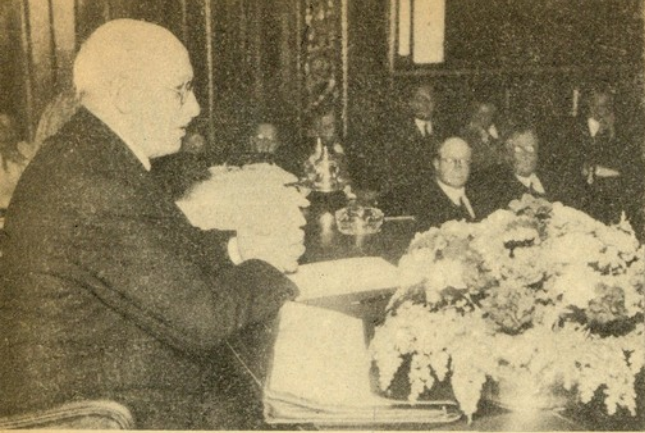
DIZIA-NOS ontem alguém: — Porque se não fazem as provas escritas dos exames nas nossas escolas secundárias e superiores com exercícios de palavras cruzadas?

Ora aqui está um alvitre que nos parece bastante aproveitável.

TRANSPORTE AMOROSO

FERNANDO Alberto Pimentel, neto do escritor Alberto Pimentel, e, como seu avô, dado às belas-letas, contava-nos, há pouco, este caso que não deixa de ter o seu pitoresco:

Uma velha solteirona, baldadamente empenhada em correr qualquer aventura galante, meteu-se, um dia, numa tipóia — isto passava-se no tempo das tipóias — e mandou seguir para Odivelas. A certa altura, num sítio ermo da estrada, levantou-se do seu lugar e, de pé, enlaçando pelas costas o cocheiro, exclamou, num desabafo romântico: — Amo-te, Zé da Traquitana!

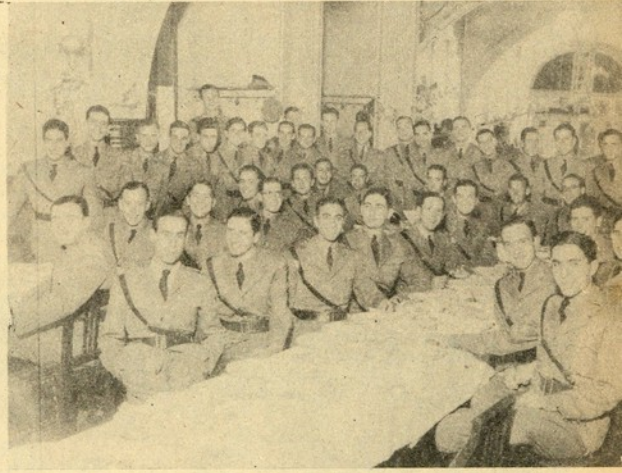


actualidades GRAFICAS

O sr. engenheiro Vicente Ferreira, que tomou agora posse do cargo de presidente do Conselho Superior das Obras Públicas, preside, pela primeira vez, a uma sessão daquele Conselho.



Caras alegres, juventude, saudades do tempo que passaram juntas, contentamento de se encontrarem de novo reunidas, é a expressão com que o fotógrafo apanhou as antigas alunas do Instituto de Odivelas, que há dias se reuniram.



Como de costume, os cadetes do exército reuniram-se no seu jantar anual para «armar cavaleiros» os alunos que este ano foram escolhidos para arma de cavalaria, e que vão ocupar, na Escola, o lugar que os novos aspirantes deixam vagos.



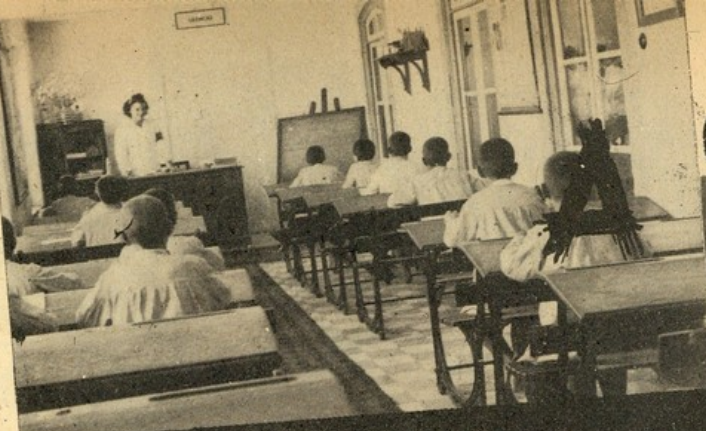
No Instituto de Odivelas, as antigas alunas daquele estabelecimento de ensino reuniram-se num almoço de confraternização. Nesta foto vemos a mais antiga aluna saudando a directora do Instituto, e um grupo de senhoras que «posaram» para a nossa objectiva.



Os cavaleiros portugueses que foram a Madrid e tão invulgarmente representaram Portugal nas corridas de cavalos, tiveram à sua chegada à estação do Rossio uma afectuosa recepção.



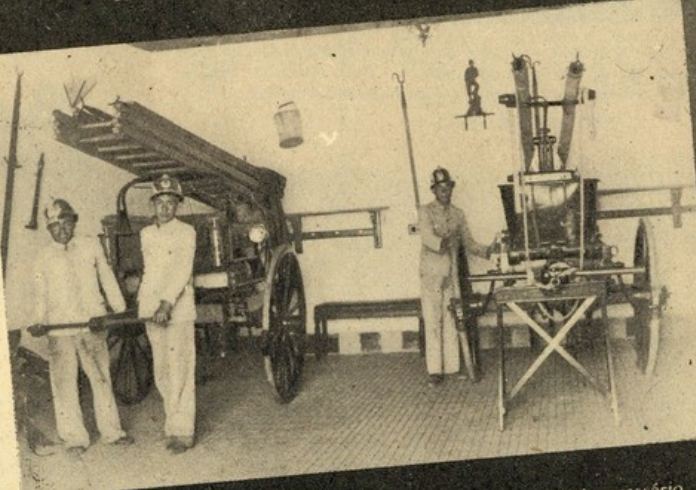
...construções caídas e canteiros, tudo é um esplendor de paz!



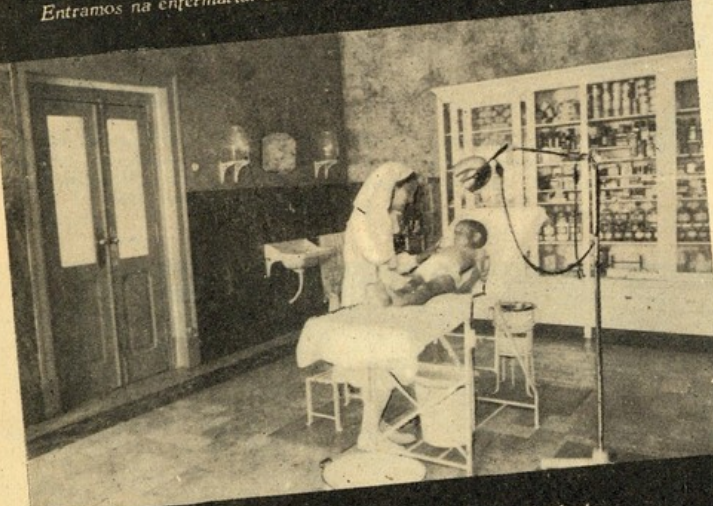
As aulas ficam perto: uma sala ampla, arejada...



Entramos na enfermaria. Tudo branco, de uma brancura de sonho...



O serviço de incêndios, em barracão próprio, com material necessário



A sala de operações, perfeitamente apetrechada



Qual seria destes o que deitou as pedras no chão da sala de jantar?



No «lava-pés», junto ao recreio, os pequenitos depois da brincadeira...



Nas horas da brincadeira, o terreiro parece que tem mais luz...

"CIDADE DOS RAPAZES"

EXISTE ENTRE NÓS!

ESTA situada em Albarraque, mesmo em frente à Serra de Sintra, e todos nós deveríamos conhecer esta cidade-miniatura, motivo admirável de exaltação e amor pelo próximo, parente do argumento sugestivo que Spencer Tracy immortalizou no famoso filme americano.

«A Cidade dos Rapazes» em Portugal chama-se: Secção Masculina do Orfanato de Santa Isabel, e é obra metódica, empreendedora, persistente, organização e realização colossais dum extraordinário homem, apaixonado pelos pequeninos órfãos. Surge-nos como visão surpreendente e tem como cenário uma aldeia branquinha, sem recursos, sem transportes, isolada mas sábia.

Lá dentro, porém, na cidade minúscula, há de tudo. A dispensa é uma espécie de amplo armazém de mercearia com as tulhas atestadas que, sábiamente, o incansável director, sr. Alvaro Augusto Rodrigues Vilela, faz angariar entre amigos e benfeitores. E boa carne e peixe fresco tudo é transportado em «fourgonette» própria, para que aos seus pupilos nada falte.

* * *

Mas comecemos por transpor o portão principal. Desde o cruzeiro — advertência cristã — os arruamentos bem delineados, as construções caídas, estátuas e canteiros, tudo é um e esplendor de Paz!

Defronte do primitivo edifício, uma lápida lembra o Reverendo Padre Agostinho da Mota, o fundador.

De então para cá, como tem crescido o Orfanato!... Eram seis crianças, agora são perto de cem!

As ruazinhas cruzam-se, e os letreiros em azulejos indicam: Rua da Paz, Rua da Caridade, Rua dos Bons Amigos...

Todas as casas têm beirado português, e em todas, e em tudo, os quadros de azulejo em azul e branco, repetem-se, elucidando. Até as casitas dos cães de guarda são em alvenaria e encimadas pelos nomes do «Serrano» e do «Fiel»...

Chegamos junto da capela e entramos na enfermaria. Tudo é branco. Duma brancura de sonho que impressiona. Alinham-se cerca de vinte caminhas. As cabeceiras estão floridas de cravos pálido-rosados, e aos pés de cada leito descansa um tapete azul desmaiado. Num belo quadro, ao centro, o Anjo da Guarda vela. Recomenda-se: «Silêncio»...

A ordem e a higiene reinam em todas as dependências, em todas as secções, mas ali é impossível!

Ficam contíguos os quartos das enfermeiras,

mobilados a branco, e as respectivas e muito completas casas de banho.

Ao fundo, é a sala de operações, sóbria e revestida de mármore, perfeitamente apetrechada, assim como a farmácia, completíssima, contendo medicamentos raros, hoje esgotados. Anexo, um lindo altar pronto para qualquer eventualidade... mas, a enfermaria está sempre vazia — graças a Deus — e apenas se registou a morte de um pequenito que viera atacado de doença crónica.

Saindo deste pavilhão, fica o balneário, modelar instalação com «duchas» frias e fideiros com as toalhas dos educandos, devidamente numeradas. A organização e o asseio impõem-se. Também no «Lava-Pés», dependência curiosa — uma idéia nova — junto ao recreio, onde os pequenos se lavam depois da brincadeira, se observa o mesmo método.

Entramos agora no edifício principal. Estão ali instalados os dormitórios, de paredes azul-céu — um céu aberto. As aulas de estudo ficam perto, duas salas amplas e arejadas.

No andar inferior, estão as cozinhas e casa de costura, apetrechadas com o maior esmero. Grandes vitrinas guardam os fardamentos, calçado e outras roupas, numa ordem única. Fica também, em baixo, o refeitório, que, apesar de grande, é já pequeno para a população, que tende a aumentar.

Entre os órfãos, há alguns refugiados; garçotes da Tutoria e da Assistência; um pequenino de três anos dali, do lugar, órfão de mãe, e o Fernandinho, de cinco anos, esperto, inteligente, que não estava ainda baptizado, e recebeu por padrinhos o sr. Alvaro Augusto Vilela, director-protector do Orfanato, e a sr.^a D. Lia Mascarenhas de Almeida Angelo, carinhosa Regente da mesma instituição. Ela, que entrou com a nova direcção, há cinco anos, explica com simplicidade: — Não usamos aqui violências. Fazendo sentir às crianças que nos magoam certos actos e nos enristecem as suas maldades, logo se corrigem e emendam. Os pequenos são disciplinados e humildes. Existe entre eles um precioso espirito de camaradagem.

E exemplifica: — Há dias, apareceram pedras espalhadas pelo refeitório. Procurámos descobrir o culpado, mas não foi possível. Prestaram-se todos ao castigo de as apanhar, mas não se denunciaram.

Saimos, passando pela sala de jantar do pessoal e pela salinha de espera, onde há aparelho de T. S. F. e órgão. Lá fora, temos ainda muito que ver. O serviço de incêndios, por exemplo, em barracão próprio, com o material necessário, tudo em ponto pequeno, com os pequenos «bombeiros» Júlio Marques, José Soares e Falcão, que fizeram

a instrução completa e foram aprovados; e carro e tendas e o preciso para o acampamento na praia; e a «charrette», pequena e engraçada, para as viagens à estação, e tantas, tantas outras coisas mais. Todas em miniatura, e que fazem enternecer.

Vejam, por fim, aquilo a que poderíamos chamar os «anexos»: é a «Casa das Luzes», onde se guardam todos os objectos de iluminação; são os «Estábulos»: dois grandes pavimentos de tetos forrados com lanterninhas pendentes, tendo o paleiro ao centro; «As casas dos porcos», onde se lê: «Sem compaixão para com os animais, não é completa a educação do homem».

De facto, os suínos estão habitando nove casas, com dois compartimentos cada, quarto e sala de jantar, com água corrente e comedoiros tão asseados, tão limpo o chão e os próprios bichos, que nos custa tratá-los pelo seu verdadeiro nome...

Aos internados compete a limpeza e tratamento dos animais, os trabalhos agrícolas, ajudar a pedreiros e carpinteiros, etc.

E como tudo foi previsto, há extintores de incêndio por todos os lados, ligações telefónicas para os dormitórios, enfermaria e habitação de caseiros (por sinal uma óptima habitação) e, ao longo dos muros, guaritas em alvenaria onde se rendem guardas de noite.

Saimos o portão lateral e ainda uma surpresa se nos depara: na rua, um anexo se ergue como exemplo de altruísmo: «Refeitório dos nossos irmãos». É uma casa aberta à mendicidade, com painéis de azulejo revestindo as paredes principais, e de azulejo, também, os bancos, em redor da mesa comprida de tempo de pedra.

Todos os dias os pobres que apareçam às horas das refeições das crianças, ali se sentam e comem. Não há palavras para enaltecer tão elevada e inspirada obra. Obra que continua quási em acelerado.

Agora, estão os operários concentrados na edificação de mais amplos refeitórios e dormitórios; na construção duma capela maior que vai ficar à beirinha da estrada convidando à «jenouflexão». Mobiliário, imagens e paramentos estão já prometidos por vários benfeitores.

Se fôsse devidamente divulgada esta obra de bem, se se interessassem por ela todos os bons portugueses, breve veríamos ampliada e ramificada a excepcional e larga visão que a dirige!

Dentro de pouco, ficarão arrumadas as crianças sem pão, sem alegria e sem roupinhas que andam por aí, pelos bairros pobres da capital!

Quem é que então é capaz de meter mãos à obra?...

O Futuro o dirá!

JUDITH MAGGIOLLY

(Fotos Serra Ribeiro)

DO CADERNO DE UM REPORTER

ESTROFE incompleta dos «Lusiadas», marcha de ciclopes marinhos, côro imenso de um bailado trágico, profundamente cayado na ressonância gótica do mar quinhentista — de tudo isto há no cinco de Outubro.

Se eu soubesse a arte de desenhar e pintar dos primitivos, fixaria em retábulo imenso e eterno êsse grupo de marinheiros-chefes que comandaram aquelas horas decisivas. Havia de tudo. Desde o corpanzil bávaro do físico Vasconcelos e Sá ao pequeno, nervoso, impetuoso e leal árabe que em vida se chamou Carlos da Maia. E, entre-misturados, o bondoso e honradote Mariano Martins, morto há dias, ainda associado aos Daun e Lorena, até o almirante Cabeçadas, por cuja mão serena percorremos o labirinto revolucionário.

Neles todos palpita o sangue dos marujos de Vasco da Gama; e, já que faltam as Índias e os Brasis, cuja descoberta cantar, eis, ó vate camoeneano, a flor da nova geração em busca de novos horizontes.

A ORDEM DE ATIRAR

Tudo se condensa nesta fôlha de agenda, com a única ordem de atirar que nos é conhecida. Ela encerra tôda a técnica do cinco de Outubro. Fotografaram-na e, a seu lado, o pedaço de lápis de que se utilizou Carlos da Maia.

A alvorada tocara. Os cruzadores dispunham-se em batalha. O «Dona Amélia», pairava na barra. O «Dom Carlos», hesitava. O «Vasco da Gama», reforçado e alterado pela vigésima vez, era barco de velocidade tardia embora blindado a valer. Ainda lhe restavam vestígios do velho esporão. A fragata «Dom Fernando», airoso no seu velame desde o princípio que assinalava o seu pósto. O resto: torpedeiros, canhoneiras, submersíveis, perdiam-se na imensidade do estuário que só começava a apertar muito ao longe, lá para Vale de Zebro. Ai, porém, uma vontade isolada mas férrea, contivera o início do levantamento: a do tenente Pinheiro Chagas. Pouco depois, ao ver que nada conseguia, enrolara-se na bandeira azul e branca e selara, com o sangue generoso da sua mocidade, o seu protesto.

Nesse render de vidas a ideais contrários, a Armada perdera o mais republicano dos seus almirantes e o mais jovem dos seus oficiais-torpedeiros. Carlos da Maia teve, no entanto, de ordenar o bombardeamento do Paço. E assim o fez.

O RIO E O DESEMBARQUE

O nervosismo alterara, ligeiramente, a grafia bela, de inexcusável pureza, da maior vítima do 19 de Outubro. Havia dois cruzadores sob pressão no Tejo: o «Adamastor» e o «São Rafael».

Aquele, o de mais categoria combativa, destinou a ordem: «Adamastor: Tome posição conveniente e bombardeie imediatamente Palácio Necessidades».

Assim fizeram os barcos suble-

vados. Lacónico, prosseguia: — «Nós ficamos aguardando chegada das tropas revolucionárias que estão a Este e mantemos reducto quartel».

Mas o homem bom irrompia, numa recomendação derradeira, bem humana, em extremo portuguesa, alheia a riscos pessoais e temerosa sempre do mal dos outros:

«Cuidado com as pontarias!»

Três palavras que valem por um monumento. Concisa frase, meio ordem meio conselho; e que adoçou, na exagerada humanidade do seu querer, o ambiente do cinco de Outubro. O rio trovejou, durante dia e noite, as últimas resistências. Os marinheiros fizeram milagres. Tomaram de assalto o «D. Carlos»; mobilizaram a «poeira naval» e assinalaram à Rotunda o ritmo da vitória.

O REDUTO DE ALCÂNTARA

Entretanto, desembarcara Tito de Moraes boa parte das forças de infantaria da marinha que, excedentes nos cruzadores, faziam falta no quartel de Alcântara. Êste, agüentara-se sob a pressão do Palácio Real, com diminuta guarnição. Houve momentos de mal se dispor de gente para as vanguardas exteriores.

Sabia, porém, Carlos da Maia que, a agüentar-se a bandeira da República ali, as tropas localizadas a este se lhe juntariam, forçando o rei a retirar-se ante a sublevação confirmada do Tejo, a das terras confinantes à Avenida e a das guarnições alojadas nos aquartelamentos de Alcântara e Campo de Ourique.

O vasto dispositivo destas «bólsas», era coordenado pelos filamentos de simpatia e afinidade que de todos irradiava e fazia pulsar num só arranque a alma do povo.

Dias decorridos sobre o cinco de Outubro, quando o almirante Cabeçadas se restituiu à paz do lar, sentiu uma rugosidade no bôlso direito das calças.

A ROTUNDA E O TOREL

E, nesse momento simbólico que precede um consolador «duche», viu-se com um papel na mão. Desdobrou-o, cuidadosamente, e viu ser o original da ordem de combate dada por José Carlos da Maia.

Ordem em branco — é claro. Pois nesta coisa de revoluções e transições, nunca se sabe o que é o minuto de amanhã. Passada, no entanto, a maior aflição, assinaram os directos autores daquele episódio: António Ladislau Parreira, José Carlos da Maia e José Mendes Cabeçadas Júnior. E é de comparar a serenidade repousante da assinatura daquele com a caligrafia trepidante, emocionada, dêsse bravo cavalheiro, digníssimo e bravíssimo até no momento em que o fusilaram iniquamente.

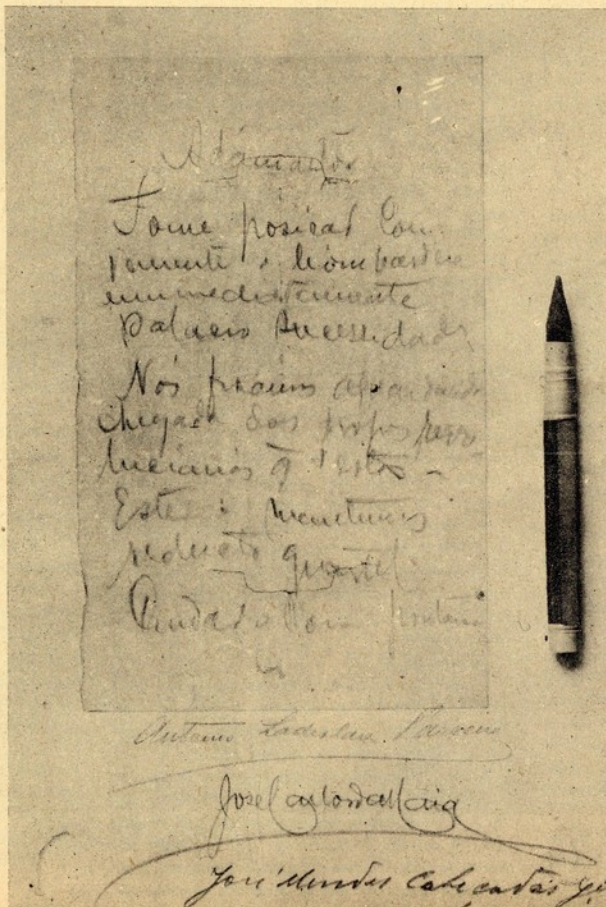
Em 1910, pouco antes de a Rotunda e o Torel se baterem, aquela comandada por Machado dos Santos, e êste abrigo das inacreditavelmente móveis e disciplinadas baterias de Queluz, mandadas por Paiva Couceiro, Carlos da Maia ainda conseguia escrever: — «Adamastor!» Tome cuidado com pontarias!

O PAÇO REAL

E tão cuidadosas foram, de facto, as pontarias feitas, que, nas Necessidades, uma granada cortou a adriça do pavilhão real, depondo-o com tôda a cerimónia no meio do chão. Das crónicas, confidências ou memórias, não constam outros estragos — descontado um canto de janela em alvenaria.

A bordo do «Adamastor» houve uma morte: a de um formidável boi oferecido, na manhã do dia 4, em Cacilhas. De outras baixas não reza a memória do almirante Cabeçadas, que é de boa lei; recorda, porém, os auxílios valiosos, as dedicações desinteressadas, delas destacando as dos civis Estêvão Pimentel e Jaime Teixeira. Apareceram-lhe num bote e ofereceram-se para qualquer missão arriscada. Aceitou, pedindo-lhes que fossem ao quartel de Alcântara pedir um oficial de convés para o «São Rafael», inicialmente sob o comando de Mariano Martins. Pouco depois, Tito de Moraes comandava a outra nave e organizava o desembarque decisivo.

CONSIGLIERI SA PEREIRA



A SUIÇA DANÇA

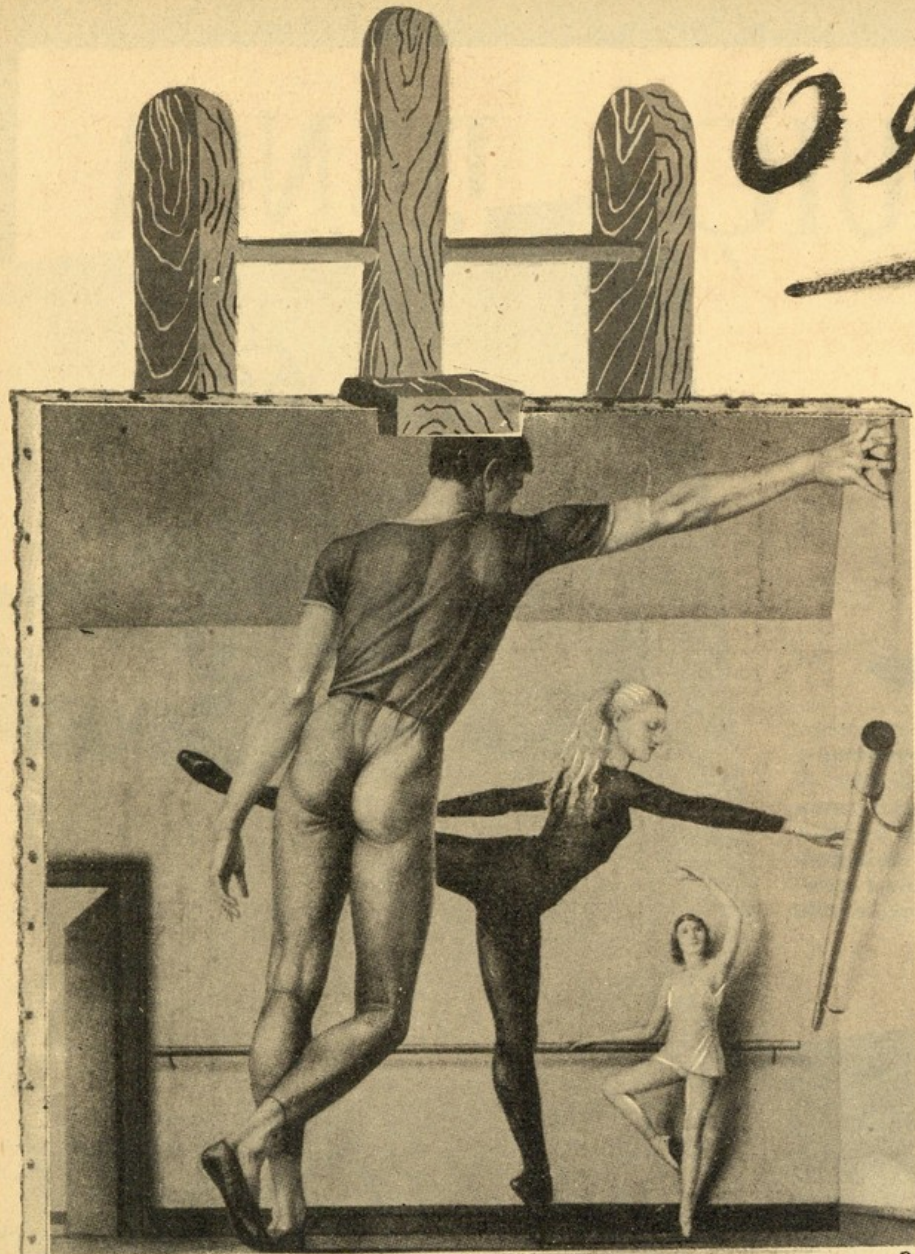


TODOS os países têm as suas danças características, as suas atitudes rítmicas, correspondentes a um impulso moral e colectivo de nacionalidade. A Suíça, com as suas tradições, as suas montanhas nevadas, os seus lagos e picos num eterno convite à vida e à prática desportiva, é toda ela um mundo de sugestões que esta bailarina, linda e graciosa, soube aproveitar para atitudes que são música em corpo, e vida em cores garridas...



O Realismo

NA PINTURA americana



8

1) «Natureza morta», de Peale. — 2) «Música e boa sorte», de Harnett. — 3) «Fim de verão», de French. — 4) «Depois do banho», de Peale. — 5) «Escritório à noite», de Hopper. — 6) «Vista da cidade», de Carter. — 7) «Interior da cidade», painel em gesso e óleo de Sheeler. — 8) «Arabescos», de Cadmus.

EM Nova-York, realizou-se, o ano passado, uma exposição de Arte Moderna, verdadeiramente notável pelo grupo de artistas reunidos e pelo interesse que o grande público lhe dedicou. No Museu de Arte Moderna expuseram 18 artistas seleccionados, dentre os melhores de nove Estados diferentes da América.

Essa manifestação de Arte foi admirável, certamente, pelas idéias claras e inteligentes que presidiram à sua organização, e absolutamente elucidativa sob o ponto de vista do grau de cultura do povo norte-americano. Deve admirar-se o facto de ser possível reunir, em plena atmosfera febril da guerra, uma selecção de tantos valores reais, e obter um tão forte interesse de acolhimento por parte de todas as camadas do povo dos Estados Unidos.

Esta exposição foi a segunda duma série inaugurada pelo Museu de Arte Moderna e realizada por Dorothy C. Miller, oferecendo a atracção duma visão retrospectiva das obras dos artistas que precederam alguns dos mais notáveis pintores contemporâneos da América.

Assim, facilmente se retém na memória a sensação obtida junto de cada expositor para finalmente se reunirem num todo, «sentindo» alguma coisa mais do que a personalidade de cada artista, mais do que a sua técnica: o movimento duma época.

A orientação seguida nesta exposição foi a de limitar o número de expositores e aumentar o número de quadros. Deste modo, o estilo e a personalidade de cada autor são estudados duma maneira tanto mais profunda e completa, quanto maior o número de telas expostas. Houve, evidentemente, um espírito de ordem, clareza e inteligência, que tanto deve apreciar-se numa época em que todo o espirito vagueia intranquilo por tão variados caminhos, hesitante em cada direcção, absorvido por tanta necessidade material e tantas teorias divergentes.

Os americanos, parecendo totalmente dominados pela idéja de alcançar rapidamente uma vitória decisiva nos campos de batalha, dedicados inteiramente ao esforço de guerra da Nação, trabalhando num ritmo cada vez mais acelerado — ainda põem de parte, voluntariamente, uma parcela da sua atenção, procurando um refúgio para a sua febril actividade, nestas manifestações de arte. Escolhendo as de carácter revolucionário, estão convencidos de que toda a excitação vinda do seu contacto é um limitivo, um estímulo e uma prova suficientemente clara da sua aversão natural a tudo quanto possa lembrar processos e idéias velhas que outros tenham realizado e pôsto em prática.

A América dedica-se, de corpo e alma, à organização dum mundo novo, continuação grandiosa do seu Novo Mundo.

Há sempre, no entanto, uma preferência nitida por todo o processo de desenvolvimento crescente mas seguro, sincero e honesto.

Nesta exposição, foi feita, intencionalmente, a selecção das obras de representação precisa, não se vedando, no entanto, a entrada a toda a tela, cujas

imagens representadas tenham nascido duma observação do mundo exterior — realismo. Deu-se, assim, margem às manifestações da imaginação — «mágico realismo», tão claramente definida pelas palavras de Alfred H. Barr Jr., como «um termo aplicado algumas vezes ao trabalho dos pintores, que por meio duma técnica realista exacta, experimentam tornar plausíveis as suas improváveis, sonhadoras ou fantásticas visões».

Embora a exposição fôsse devotada, primeiramente, ao trabalho dos jovens artistas contemporâneos, reservou-se uma pequena secção para a pintura do século XIX, seguida de alguns exemplos de dois pioneiros do século XX, dando uma idéja do valor do interesse do público norte-americano por esta espécie de pintura.

Nesta secção retrospectiva, encontram-se verdadeiros mestres da pintura norte-americana, cujos conhecimentos técnicos transpuseram vitoriosamente a barreira tão distinta dos dois séculos.

O realismo tem estado sempre fortemente enraizado na tradição americana. As características de uma acentuada delineação, uma atenção concentrada no detalhe e um sentido severo do assunto foram levados ao extremo de virtuosismo na pintura de Raphaelle Peale, em 1820.

A sua natureza morta «Still life with Strawberries», da colecção Robert C. Graham, uma das telas expostas no Museu de Arte Moderna, é um exemplo típico da personalidade deste pintor. Toda a forma é nitidamente limitada, mas sem dureza, sem um contraste vigoroso, mergulhada numa luz suave, com a virtude extrema de fugir à monotonia provocada por uma iluminação uniforme.

A atenção constante no detalhe, desde a pequena mancha, marcando o reflexo do vidro, à rugosidade do fruto não traduz por uma maneira mesquinha a intenção de tornar real o assunto.

Todos os pintores escolhidos para esta exposição encontraram e desenvolveram no mais alto grau uma técnica de desenho e pintura tendo em vista criar imagens de rápida identificação. O observador é levado a acreditar na realidade do que lhe é apresentado, seja real ou até por vezes imaginário.

Da aplicação desta técnica ao assunto fantástico resulta o mágico-realismo.

O extraordinário torna-se possível, pintado como se existisse, com o mesmo grau de realidade e clareza. Dos vários processos usados pelos «Surrealists», este é um deles. No entanto, nenhum dos artistas que figuram nesta exposição pertencem ao grupo oficial «Surrealist».

Durante todo o século XIX, a tradição holandesa foi notavelmente apreciada na América do Norte, desde Peale até Harnett.

O seu quadro «Music and Good Luck», de 1888, da colecção Mrs. Edith G. Halpert, é impressionantemente realista. Na simplicidade do arranjo, na frieza até da iluminação, nota-se um valor espiritual totalmente distinto do valor fotográfico duma fotografia tecnicamente perfeita. Harnett é altamente apreciado pelo seu desenho e colorido; é hábil na técnica ilusionista. Os objectos são tocados dum acentuado mágico realismo. Note-se a fantástica técnica da mancha, dada magistralmente num desdobramento infundável de tonalidades.

No começo do século XX, este forte interesse pelo realismo desapareceu quasi completamente, exceptuando a atenção dada a alguns artistas populares, mas em 1925 uma aproximação do realismo foi tentada com resultados notáveis por Sheeler, combinando a precisão da sua pintura previamente abstracta com um estilo arquitectónico.

Nesse tempo surgiu Hopper com o seu realismo claro e forte; no entanto é Sheeler que fica no coração do movimento neo-realista. Nenhum outro estilo de pintura chamou tão fortemente a atenção do público, sendo, portanto, sob este ponto de vista um estilo verdadeiramente democrático.

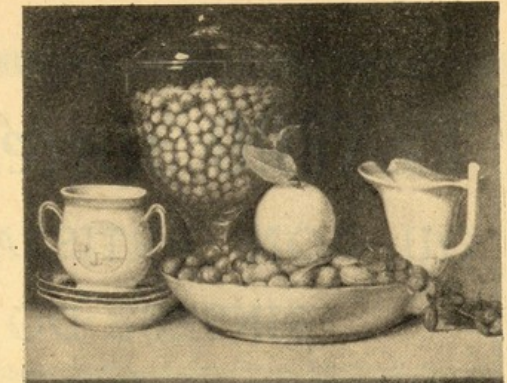
Os antigos artistas flamengos têm de certo modo manifestações paralelas às dos artistas americanos, embora mais por analogia do que por qualquer influência directa.

Há em Carter a atmosfera fria de Kensett. Ao lado de Hopper e Sheeler, French um dos pintores contemporâneos representados nesta exposição, é admirado como mestre dum arcaísmo elegantíssimo. Na frieza duma delineação exacta há por vezes uma ternura notável, nascida e desenvolvida num espirito evidentemente de rara sensibilidade e requinte.

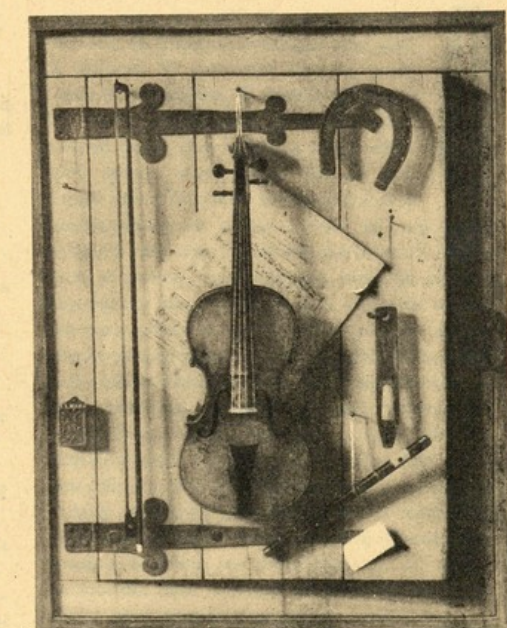
Artistas como Hopper, Sheeler, Carter, Cadmus, French e tantos outros representados, pertencem, indiscutivelmente, à primeira linha dos pintores considerados revolucionários no desenvolvimento dos processos de pintura, mostrando o seu jovem poder criador e a sua sincera e honesta intenção para conhecer a origem das suas tendências actuais.

A guerra, com todas as suas possibilidades de destruição e absorção da actividade humana, não consegue deter, nem sequer atenuar, o interesse que o povo norte-americano dedica ao desenvolvimento da cultura do seu país.

LUIZ AREOSA



1



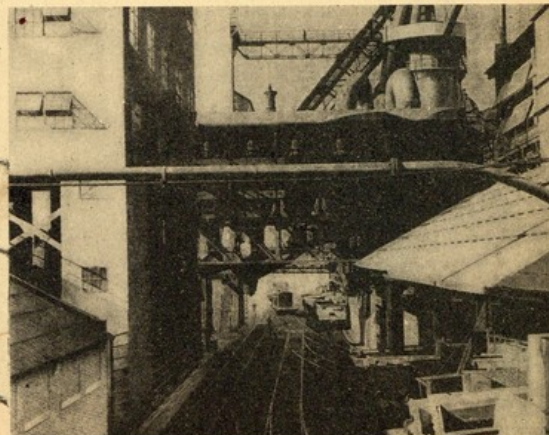
2



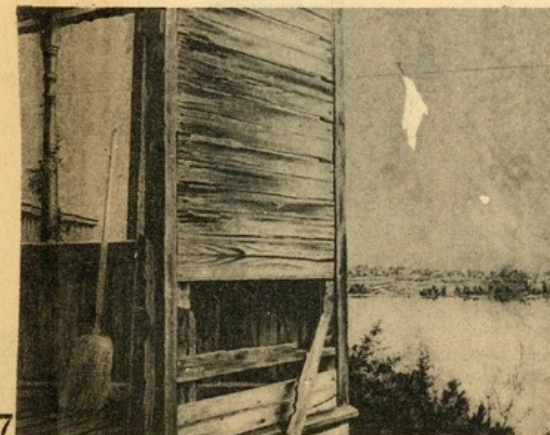
3



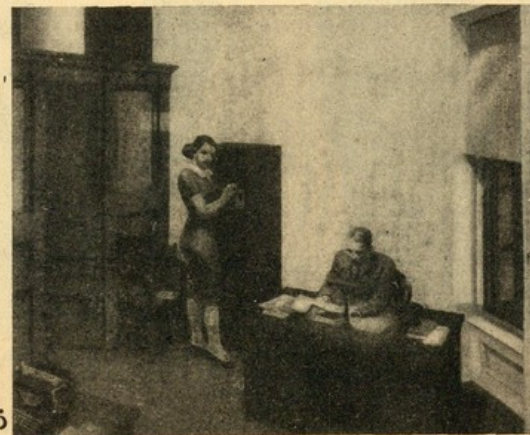
4



7



6



5

TEATRO "sintético"

OU DOIS ARTISTAS

SINTESE DO TEATRO



O Ginásio abriu, há dias, as suas portas para uma espécie de amostra do que vai ser a próxima «tournée» de Brunilde e Alves da Costa. A companhia é composta por estes dois únicos artistas e, deste modo, as peças, quer sejam de um, dois ou três actos, terão apenas dois únicos intérpretes. Ainda há pouco escrevemos que, em teatro — como em muitas outras coisas — o momento impõe-nos restrições. Brunilde e Alves da Costa harmonizaram, porém, os seus desejos artísticos com os limites que as circunstâncias da hora actual dentro de certos aspectos impõem. No seu género, a companhia pode considerar-se completa, não apenas porque os seus dois componentes possuem múltiplas qualidades hístrónicas, mas, exactamente, porque essas qualidades lhes permitem um variado desdobramento de figuras. Certo psicólogo afirmou, um dia, que os artistas, à semelhança dos escritores, ganhavam, para a perfeita reconstituição da sua fisionomia, em ser conhecidos em «pijama» — quer dizer na intimidade da sua arte. Não sabemos se isto será sempre vantajoso; mas uma coisa temos de reconhecer: é que a reportagem gráfica, íntima, dos artistas e dos homens de letras, constitui para a curiosidade, de certo modo bisbilhoteira do público, um excelente prato para o paladar. A entrevista completará o resto.

Em volta duma pequena mesa, repleta de

É neste ambiente calmo e de bom gosto que Brunilde estuda os seus papéis.

papéis, Brunilde, Alves da Costa — e o jornalista.

— Diga-nos, Brunilde, quando nasceu?

— Em Maio.

— E você, Alves da Costa?

— Em Maio, também...

— Em que ano? — quisemos saber em relação a ambos.

— Inútil. Adiante.

— Quando se estrearam?

Brunilde responde:

— Há 22 anos, no Politeama, numa peça chamada *Sol da Aldeia*...

Alves da Costa acrescenta:

— E eu há 21 anos, no *Vasco da Gama*, em São Carlos...

— Lembra-se quantas peças representaram até hoje?

— Cento e tal... — segredou Brunilde.

— Duzentas e tantas... — confidenciou Alves da Costa.

E logo acrescentou cavalheirescamente:

— Apenas nisto passei adiante de Brunilde...

— O que comem?

— Não discutimos...

— Em todo o caso — diz Brunilde — há uma coisa porque eu perco a cabeça: anonas.

— E eu — fez Alves da Costa — troco tudo por morangos...

— Passemos à arte... Planos?

Respondem em côro:

— Viu o *Pecado original* e o *Nocturno* que representámos no Ginásio? Foi, por assim dizer, a «avant-première» do programa a realizar, primeiro nos arredores de Lisboa, depois pelas nossas praias e termas e, em seguida, possivelmente, pelas ilhas...

— Peças?

— Além das duas que representámos — *Pecado original*, de Anita Patrício e Fernanda O'Donnell, e *Nocturno*, de Sérgio Vidor, temos um acto de Alice Ogando, *O Terror*, outro, *Amarthecer*, de Eugénio O'Neill, e ainda uma comédia em três actos, *Sim, ou Não?*, em que estão trabalhando Manuel Fragoso e Luis de Oliveira Guimarães...

— E pelo que diz respeito à apresentação das peças?

Continua o côro:

— A originalidade de braço dado com a simplicidade. A síntese ao serviço do bom gosto... Estava terminada a entrevista. Foi pequena? Também os instantâneos são instantâneos — e as pessoas, às vezes, ficam completamente retratadas... Não será o caso, mas ainda assim...



Nas horas de repouso, Brunilde gosta de «conversar» com o seu companheiro inseparável...



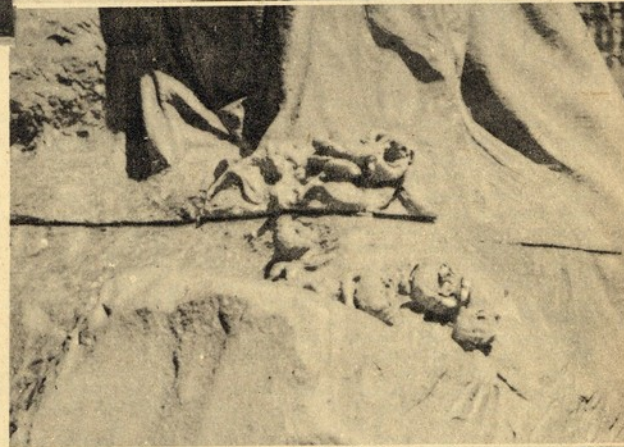
Ou assim, como gostarem mais de os ver, porque um e outro são sempre grandes artistas.



E é assim que depois ensaia, no palco, com Alves da Costa...

PARA OS AMADORES DE ARTE

SABEM ONDE FOMOS BUSCAR *isto?*



DIZ-SE que Lisboa não tem monumentos — e, de algum modo, assim é: pelo menos, Lisboa não tem grandes monumentos de bom-gosto. Mas não nos faltam motivos de boa estatuária, de melhor escultura e arquitectura. Espalhados pela cidade, disfarçados sob tufos de verdura fresca de jardins ou em recantos simbólicos da cidade, esperam serenamente ou olham quantos passam distantes pelo pensamento, pequenos motivos de arte que umas vezes são alegoria do brio, da vontade ou do trabalho, outras perpetuação de feitos e testemunho de reconhecimento humano — sempre exaltação das virtudes da nação!

É dessas pequenas estátuas que damos hoje cinco detalhes. Os amadores dessas pequenas jóias de arte, que costumam ficar sonhando pelos jardins, à sombra das grandes árvores, sentirão na evocação do detalhe a aproximação do conjunto. Identificar — não deve ser difícil:

— A que estátuas pertencem os pormenores que reproduzimos?

Uma boa memória visual e uma mediana cultura artística chegam para ajustar estes detalhes a monumentos bem nossos conhecidos.

Ao monumento dos Restauradores não podemos atribuir um pé que ele não tem e não podemos dar à Morgadinha de Val-Flor a «mão» que lhe tiraram recentemente do Teatro Nacional...

Um pouco de lógica, de espevitar de memória farão que o leitor identifique os motivos que lhe damos — motivos que de algum modo lhe farão atentar no pormenor, talvez já esquecido ou mesmo não revelado em toda a graça da sua perfeição. Porque, muitas vezes, não é só valiosa a obra pelo conjunto: sem a beleza do pormenor, não há equilíbrio nem harmonia possíveis.

Veja, pois, se, pensando um bocadinho, é capaz de descobrir:

— Onde pertencem estes detalhes?

No próximo número lhe diremos...



Marujinho,

UMA VIDA QUE É UMA HISTÓRIA...

hostes indígenas — depois uma debandada, uma fuga que nos deixou perplexos. Era o régulo Napiramuno — que acabava os seus dias — e, com ele, desaparecia a coragem que sabia insultar nos seus guerreiros.

E aqui está, meu senhor, como o *Marujinho*, este seu criado, ganhou a medalha da Rainha Dona Amélia — e foi promovido a 1.º marinheiro, em 1903, quando a *Liberal* esteve em Angoche.

QUEM É O MARUJINHO?

O *Marujinho* tem hoje sessenta e quatro anos. Aqui sentado ao nosso lado, num banco da Avenida, parece que nos transportou a essas estranhas terras onde, cada palmo, foi ocupado com o sangue e o sacrifício de tantos portugueses. Anima-se quando conversa — sente-se que dentro daquele corpo débil de criança ainda pulsam um vigor e uma audácia de valente. A sua vida é um rocambo. Todos os homens têm uma história. Este tem a sua — repleta de episódios, de aventuras, de misérias e heroísmos. Foi marujo no tempo em que a marinhagem era temida, com a farda chamuscada de pólvora; foi motorista, dos primeiros, quando os automóveis eram luxo e raridade; vendeu versos, de porta em porta, fez guias quilométricos para os automobilistas; esteve cego, lutou, trabalhou honradamente, e hoje, no declínio da vida, bate Lisboa inteira com uns pincéis no bôlso para pintar números, onde o chamam. Acompanhou o rei D. Carlos aos Açores e à Madeira. Andou em guardas de honra, foi ordenança do governador de Moçambique, Forjaz de Serpa Pimentel. Andou ao lado de Roby, esse heróico tenente, que deixou o seu nome nas maiores campanhas de África, batendo o Mato, submetendo os indígenas à lei portuguesa. Serviu sob as ordens de João de Azevedo Coutinho nos combates de Macomba, Juhaugone, Jubacafura, Chipitira; como componente da coluna de operações ao Bonga, durante seis meses arriscou a vida em lutas traiçoeiras. Embarcado no *S. Rafael*, assistiu às manifestações que fizeram, nas Canárias, ao rei de Espanha. Correu o mundo africano — e conheceu a vida das cidades. Durante uma vintena de anos o mar foi a sua estrada e o céu a sua paisagem. Sofreu as febres e as sêdes. Mordeu o pó escaldante das mais longínquas paragens. Teve, algumas vezes, a morte a rondar-lhe a cabeceira. Mas nunca desanimou. O seu norte foi sempre pela biqueira das botas: para a frente!

UMA VEZ NO ROSSIO...

— Lixse-me que foi também motorista, não é verdade?

Marujinho, passa a mão seca pela cara, num gesto muito seu e, depois, de dedo espetado ao canto da boca:

— Fui! Eu mesmo ajudei a formar a Praça do Rossio, aí por 1907. Tinha antes trabalhado na garagem Beauvalet. A minha vida de *chauffeur* tem, também, uma agitação. Parece que isto nasceu comigo. A Cruz Vermelha requisitou-me para fazer serviços quando houve o terramoto de Benavente e Samora Correia. Conduzi muitos feridos, andei por entre escombros. Era um cataclismo medonho. Quando da implantação da República, o meu automóvel andou com os vultos mais em evidência. Fui o *chauffeur* do Dr. Afonso Costa, quando ministro da Justiça. Guiava, então, um carro que fóra da casa real, um possante *Peugeot*, que voava por essas ruas. Uma noite, no Rossio, quando o comboio chegou do Norte, houve borborinho. Uns revolucionários *afonistas* — era na luta dos partidos — queriam *liquidar* o dr. António José de Almeida, que vinha do Pôrto, onde fóra a um comício. A polícia estava nas esquadras. Não havia ninguém que, naquela anarquia do furor popular, pudesse impor

a ordem. O dr. António José de Almeida escondeu-se, protegido por amigos, na casa Heitor Ferreira, ao lado do La Gare. Fui eu que, de pistola em punho em cima do estrêbo, contive meia dúzia de revolucionários — e depois, já com o político dentro do carro, atravessei o Rossio, acelerando fundo. O dr. António José de Almeida ficou muito grato!

— E o *Marujinho*, com um sorriso de modéstia:

— Não acha? Cumprí o meu dever! E nunca lhe pedi nada. Em noites de revolução andei sempre na rua. Uma vez meteram-me uma metralhadora no carro. Socorri muita gente. Dezenas de vezes ouvi as balas sibilarem junto dos ouvidos. Julga que esmorecia? Qual! A gente só morre uma vez. Quando houve fogo na Companhia do Gás, o meu carro foi dos primeiros a aparecer para prestar socorros. Nunca deixei de comparecer onde os meus serviços, mesmo com sacrifícios, fôsem precisos. Conheci a Lisboa boémia. Levei muitos estróinas a casa, desgravatados, depois de terem deixado o dinheirinho por tantas batotas, que infestavam a cidade. Algumas vezes — e aqui o *Marujinho* dá uma gargalhada de saudável alegria — tive que os levar às costas, porque não podiam subir as escadas... Enfim, tudo isto, se quiser, é heroísmo. Um dos últimos serviços de responsabilidade foi o de ter levado a nossa declaração de guerra, ao cabo submarino, a Caracavelos.

Marujinho fica um bocado pensativo. Parece querer recordar-se de mais alguma coisa.

Somos nós que vamos ao seu encontro:

— E agora? Qual é a sua vida?

— Nem sei... é pr'a aí uma coisa! Luto! Estive cego. Deixei de guiar. Mesmo ninguém entrega um carro a um velho! Faço roteiros, pinto números nos automóveis, trabalho, enfim. Sou o *Marujinho*; mais nada!

— Como se chama?

— Alfredo César de Cáceres, um seu criado...

Apertei a mão daquele homem cuja vida tem sido uma história. Senti que havia uma tremura — talvez emoção. É que diante dos olhos êle acaba de evocar toda uma existência distante, de perigosas jornadas.

— Para onde vai?

— Ao Lumiar! Saber se tenho algum serviço!...

E afastou-se, apressado, com as algibeiras atulhadas de livrinhos de versos, guias quilométricos, que vende por aí...

MANUEL MARTINHO,



...eu, então, gritei: Três braços! Vamos encalhar, meu comandante: *Siga, homem, ainda há fundo! Temos de fazer uma sondagem perfeita!* Voltei a meter a vara na água. Era já ao escurecer. O rio, naquela altura, esverdeado e oleoso, parecia um pântano. O escaler movia-se com dificuldade. Novamente, sobressaltado, preveni: *duas braços! É impossível continuar!* Ainda não tinha acabado estas palavras quando o escaler, dando um forte esticão, parou, com o casco sobre uma rocha. Nós tínhamos largado, pela manhã, da *Liberal*, num pequeno escaler a gasolina, para sondar o rio Boila. Éramos oito homens. Sacadura Cabral e Marques de Almeida — nesse tempo guardas-marinhas — viram logo o perigo que corriamos, ali, à boca da noite, num rio pouco navegável e, além disso, cheio de jacarés.

Era preciso tomar uma resolução rápida. Metemo-nos dentro de água e, num esforço titânico, procurámos safar o escaler da posição crítica em que se encontrava. Foi um trabalho penoso que nos pôs, apesar da água nos chegar ao pescoço, com suor na espinha...

Marujinho parou de falar, para logo continuar:

— Nisto, da margem, partiu uma forte descarga. O nosso assombro foi indizível. Pelo mato, numa longa extensão, sobressaindo do verde dos arbustos, o gentio, gritando, aferrava as velhas carabinas e fazia fogo sobre nós. Eram centenas. Alguns traziam archotes acesos, que eram como línguas de fogo numa negra paisagem de sertão.

Sacadura Cabral, de pé, corajoso, deu ordem: *Faça-se fogo!*

A bordo, porém, só havia cento e trinta cartuchos. O gentio continuava, Algumas balas já tinham batido no escaler. Tomámos posições. Eu tinha ganho o primeiro prémio de tiro na Ponta Vermelha. Cada tiro não errava o alvo. Mas as munições escasseavam. Foi então que, ao vermos os últimos cartuchos, julgámos chegada a nossa hora. Os indígenas vinham de outros povoações, acordados pelo rumor do tiro-teio. E a margem estava coalhada. Havia seis horas que combatíamos. O escaler ficara varado por dezenas de balas. Entre o gentio, divisei um negro forte, espadado, com um colar grosso e umas penas na carapinha. Apontei a espingarda — o tiro partiu — e êle tombou. Houve uma gritaria de ensurdecer nas

A senhora Roosevelt, esposa do Presidente da República dos Estados Unidos da América do Norte, não é só uma mulher inteligente e culta. O seu papel social e político, ao lado de Mr. Roosevelt, elevou-a a primeira figura feminina da América. Pedagoga, escritora, jornalista e conferencista, a sua acção na política a favor do bem estar do povo norte americano, deu-lhe projecção de sentido mundial.

(Caricatura de Santana)



... aqui

AMERICA



Horas	Estações	Comprimento de ondas	Horas	Estações	Comprimento de ondas
7.45	WCRC	31.1 m. 9650 kc/s	18.45	WDO	20.7 m. 14470 kc/s
	WDJ	39.7 m. 7565 kc/s	19.45	WDO	20.7 m. 14470 kc/s
9.45	WRUW	49.6 m. 6040 kc/s	20.30	WGEO	19.6 m. 15330 kc/s
	WDJ	39.7 m. 7565 kc/s		WDO	20.7 m. 14470 kc/s
12.45	WKRX	30.3 m. 9897 kc/s	22.00	WGEO	19.6 m. 15330 kc/s
	WDL	30.8 m. 9750 kc/s		WGEA	25.3 m. 11847 kc/s
13.45	WGEO	19.6 m. 15330 kc/s	23.00	WGEO	19.6 m. 15330 kc/s
	WKRX	30.3 m. 9897 kc/s	00.45	WDL	30.8 m. 9750 kc/s
14.45	WKRX	30.3 m. 9897 kc/s	01.45	WDJ	39.7 m. 7565 kc/s
17.45	WGEA	25.3 m. 11847 kc/s			
	WDO	20.7 m. 14470 kc/s			

7 dias de CINEMA por FERNANDO FRAGOSO



BAMBI», o novo filme de Walt Disney, passou há dias, no Tivoli, em sessão privada. Por gentileza do sr. Gallego y Pratt, gerente da Rádio-Filmes, pudemos assistir à exibição. E porque escasseiam, nas telas de Lisboa, no momento presente, filmes de real interesse, vamos falar hoje dessa película maravilhosa, muito embora ela não haja passado ainda para o âmbito que, em matéria de espectáculos, se pode designar de domínio público.

* * *

«Bambi» é a história dum veado. No início do filme, vamos encontrá-lo junto da Mãe, horas depois de ter vindo ao mundo. E só o perdemos de vista, quando a palavra «Fim», o imobiliza orgulhoso sobre um penhasco que domina a floresta, onde a côrça, sua companheira, acarinha uma cria — o novo «Bambi» da eterna perpetuação da espécie...

O filme de Walt Disney é uma biografia. Através das suas imagens perpassa toda uma vida, com as horas dramáticas e as horas felizes, com os claros-escuros de todas as existências, mesmo quando não são humanas. A vida de «Bambi» corre paralela à de qualquer racional. E se do cotejo alguém deverá envergonhar-se, não será por certo o mundo que palpita no bosque onde «Bambi» viu a luz do dia.

O homem, com efeito, é o terror do paraíso terrestre onde os animais vivem, em doce convívio. No prado que borda a floresta, há um tapete de relva, muito verde e muito fresca. Mas, em campo aberto, sem a barreira das árvores, sem os esconderijos acolhedores — o perigo espreita a cada passo. De vez em quando, no silêncio da Natureza, soa o eco dum tiro! Um dos animais cai para sempre, às mãos do inimigo invisível... O silêncio, na floresta, é mais pesado. Calam-se as aves. Tudo se imobiliza, no pavor da Morte...

«Bambi» perde deste modo a sua mãe... O céu chora lágrimas de neve... A terra cobre-se dum manto branco... «Bambi» é órfão e encerra-se, deste modo, o ciclo da sua infância...

* * *

A sua infância! Que tempos descuidados e felizes!... Como «Bambi» gozou as alegrias da vida, na companhia da alegre ninhada dos coelhos, que lhe ensinaram todas as diabruras infantis... Aquêlê salto sobre o velho tronco da árvore... A corrida atrás das borboletas... Os passeios nas veredas umbrosas, pontilhadas de flores silvestres e cortadas de regatos rumorejantes... E o inverno? Como êle se lembrava daquela manhã em que a floresta apareceu coberta de neve! E a sua primeira lição de patinagem, no lago gelado, e de superfície brilhante e polida como um espelho?... E o prado?!... Como pulou e saltou sobre a relva, logo que a mãe, perscrutada o horizonte, o considerou livre de caçadores... Quem lhe diria que um daqueles passeios havia de terminar tão trágicamente e deixá-lo só no mundo!...

Pobre «Bambi»! Foi o seu primeiro desgosto...

A Primavera veio encontrá-lo em plena evolução... Quando o sol começou a desfazer o lençol de neve e as primeiras plantas brotaram verdejantes, «Bambi» verificou que deixara de ser menino... A cabeça ostentava já o símbolo da maturidade... E o velho mocho, filósofo e conhecedor da vida, pô-lo de sobre-aviso contra as tentações do mundo... Nas sombras da floresta — disse êle — os olhos femininos brilharão com estranha luz... Um fluido sacudirá os corpos e fará estremecer macho e fêmea, postos frente a frente. O amor jogará às escondidas por detrás de cada árvore e de cada maciço de flores.

E «Bambi» vive a hora perturbadora e ansiosa da sua primeira paixão. Mas não se consuma a posse, antes de provar que é digno de tão frágil

e tão gentil companheira... Outro veado, que a persegue, disputa-a numa luta feroz... Mas «Bambi» sabe agora que ama. Chama a si as forças que removem montanhas... Êle quer aquela fêmea... A luta tem assomos de epopeia e de tragédia... «Bambi» vence. E no silêncio da floresta, iluminada pela palidez dum luar discreto, «Bambi» vive a sua primeira noite de amor...

* * *

Mas o homem paira, naquele Éden, como uma ameaça sinistra. Um dia, os cães, açulados pelas trompas dos caçadores, perseguem «Bambi» e a tímida côrça, sua companheira. Esta corre perigo. Refugia-se nos rochedos, que as suas pernas ágeis pisam com facilidade. E quando está prestes a sucumbir, «Bambi» intervem. Mas é a sua vez de ser perseguido. Quando forma o salto, para vencer um abismo, uma bala silva. Ferido, «Bambi» julga não mais poder levantar-se... Entretanto, o fogo mal extinto do acampamento dos caçadores ganha a floresta. As árvores tornam-se num brasero imenso. «Bambi» está prestes a ser lambido pelas chamas... Mas o velho veado que é chefe da tribo, aparece... Êle tem que levantar-se. Deve aprender a reagir... Está muito novo, ainda. Mal sabe distinguir a bala que mata da bala que ferê...

Por fim tudo acaba em bem...

O fogo extingue-se, à mingua de alimento. «Bambi» encontra a companheira. Passa um Inverno... Surge a Primavera... A floresta carbonizada começa a reverdescer... Os animais voltam aos lares de outros tempos... Crescem plantas, brotam flores, o milagre do amor repovoa o bosque... «Bambi» é pai... Uma vida que começa encerra o ciclo da sua própria vida...

* * *

«Bambi» é uma das mais altas expressões poéticas que o cinema nos tem dado. Impossível, pois, traduzir em prosa chã e descolorida, o encanto de que êste filme se reveste, o sópro artístico que o domina, o simbolismo do mundo que nele se agita, o desenho das figuras, a profunda humanidade da história. Digamos apenas que «Bambi» é senão a mais perfeita, pelo menos uma das mais belas obras que Walt Disney nos tem dado.

A caricatura cede o passo ao lirismo.

As personagens têm estranhos e inesperados reflexos humanos. Em cada uma delas palpita uma alma, plena de sensibilidade e de ternura. E tudo isto transparece, sem esforço, com naturalidade, através de episódios deliciosos, superiormente concebidos e admiravelmente executados.

O bosque é um recanto prodigioso, poema em imagens que se desdobram através das Estações.

A Primavera, o Verão, o Outono e o Inverno são autênticas sonatas, na música das imagens.

Em relação aos outros filmes, do mesmo género, qual é o mérito de «Bambi»? Em primeiro lugar, a afirmação prodigiosa do progresso da técnica de desenhos animados. O incêndio da floresta, só por si, é uma prova de exame.

Depois, a sua harmonia, a perfeição do desenho, o equilíbrio dos movimentos. E como não tem figuras humanas, Disney encontra, constantemente, o sabor, a graça, o engenho das suas melhores «Silly Simphonies»

E numa época em que os homens se consagram à tarefa de destruir, embora para reconstruir; na altura em que o Cinema desce do seu pedestal de espectáculo, para servir interesses e se reduzir às proporções de instrumento de propaganda, saudemos «Bambi», poema maravilhoso desse maravilhoso poeta que soube criar um mundo ao sabor da sua imaginação — e trazer até nós todo o encanto que nele se contém.

Se houvesse mais homens com a sensibilidade de Walt Disney e de Axel Munthe — o mundo em que vivemos seria melhor.

HISTÓRIA DA NOVA GUERRA MUNDIAL

* por Carlos Terrão *

Capítulo XIX - a França depois da derrota

7

DE LAVAL A DARLAN

QUAL era o fundo verdadeiro no qual se desenrolou o episódio capital de 13 de Dezembro de 1940? Na véspera deste dia, o vice-presidente do conselho, sr. Pierre Laval, chegou a Vichy portador dum convite oficial para o marechal Pétain. O Chefe do Estado francês era convidado a ir a Paris onde devia desenrolar-se o último acto dum acontecimento histórico: a transladação das cinzas do duque de Reichstadt, filho de Napoleão, o «Aiglons da lenda e da tradição. Fôra o Führer pessoalmente que tomara a iniciativa desta cerimónia, querendo com ela melhorar o ambiente de compreensão entre os dois países. Estas eram as intenções reveladas e nada havia que inicialmente suscitasse à volta delas dúvidas ou suspensões. O convite foi portanto, de começo, recebido com en-



tusiasmo nos meios affectos ao marechal. Pouco a pouco, porém, começou a manifestar-se em Vichy certa apreensão que se fundamentava em notícias postas a circular não apenas entre o público mas, de maneira especial, nos círculos officiais e bem informados. Essa apreensão chegou a alcançar alguns dos membros do gabinete e foi transmitida ao Chefe do Estado que procurou conhecer os seus fundamentos.

Dizia-se que o convite ao marechal envolvia intenções reservadas as quais praticamente se traduziam numa tentativa de rapto que teria como consequência imediata e inevitável a ascensão do vice-presidente do Conselho à suprema magistratura da Nação. Tinham essas notícias algum fundamento? Havia nelas, ao menos, um fundo de verosimilhança? Certo é que em Vichy as julgaram sufficientemente fundamentadas para basearem nelas o procedimento do govêr-

no. Uma série de coincidências e de episódios, ocorridos anteriormente, appareceu evocada para justificar as inquietações despertadas e as medidas de precaução que acabaram por ser adoptadas. Para isso contribuíram, decisivamente, a acção e as tendências pessoais de alguns dos membros do governo, colaboradores directos do marechal Pétain, que gozavam da inteira confiança deste último, afirmada em várias circunstâncias.

UM CONSELHO DE MINISTROS

Logo que chegou a Vichy, o sr. Laval avistou-se com o marechal Pétain com quem se conservou durante algum tempo em demorada conferência. Segundo mais tarde declarou o vice-presidente do Conselho, a conferência decorreu em termos particularmente cordiais nada fazendo prever, no fim dela, que iam desenrolar-se acontecimentos de incalculáveis repercussões. O marechal convocou em seguida um conselho de ministros que se reuniu com a presença de todos os membros do gabinete que se encontravam naquela cidade.

Logo que se iniciaram os trabalhos do conselho, o marechal pediu a todos os presentes que lhe entregassem, por escrito, os seus pedidos de demissão pois poderla ter de encarar a necessidade de remodelar o elenco dos seus colaboradores e desejava ter para isso plena liberdade de movimentos. Tudo indica que, se algumas das pessoas presentes se encontravam no segredo do que ia passar-se, outras, e entre estas últimas contava-se o sr. Laval, ignoravam completamente o que tinha sido preparado. Depois de estar de posse dos pedidos de demissão de todos os ministros, o marechal declarou que era intenção sua deferir dois desses pedidos, o do titular da pasta da instrução pública, sr. Rippert, e o do vice-presidente do Conselho, sr. Laval.

Este elevou immediatamente um energético protesto contra o que se passava e argumentou com a conversação que pouco antes tivera com o chefe do Es-



tado e durante a qual este nada revelara das suas intenções tendo, pelo contrario, manifestado um perfeito acôrdo com a tarefa até alli realizada

pelo seu mais próximo e directo colaborador.

A surpresa de muitos dos presentes era portanto comprehensível e os episódios que se seguiram não deixaram, igualmente, de causar certa estranheza tanto em França como no estrangeiro. A policia tomou rigorosas medidas de precaução as quais passaram a visar, de maneira ostensiva, a personalidade do sr. Laval a quem foi fixada residência na sua propriedade de Chateaudon onde se conservou durante alguns dias.

DOIS MINISTROS

Foi posteriormente revelado que dos membros do govêrno, dois tinham desempenhado um papel de relevo nos acontecimentos de 13 de Dezembro. Esses ministros eram os titulares das pastas do interior e da justiça, respectivamente srs. Marcel Peyrouton e Raphael Alibert. O primeiro era um antigo funcionario da carreira administrativa, onde tinha ascendido aos mais altos postos. No desempenho das missões que lhe haviam sido confiadas o sr. Peyrouton revelara excepcionais qualidades de energia. Essa energia fôra realça-



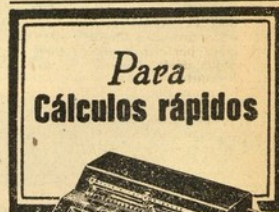
na parte da sua carreira official realizada nas colónias, pela afirmação de uma incontestável competência. Na Argélia e em Marrocos o sr. Peyrouton deixara a reputação de um administrador hábil e de um elemento progressivo. A sua acção tinha suscitado a hostilidade de numerosos elementos dos partidos da esquerda o que fizera automaticamente do sr. Peyrouton uma das grandes esperanças dos agrupamentos franceses da direita.

Quanto ao outro ministro que desempenhou no episódio de 13 de Dezembro um papel de relevo, o sr. Raphael Alibert, era um dos mais categorizados elementos do grupo da «Action Française» sendo conhecida as suas convicções monárquicas e as suas relações estreitas com o chefe daquele agrupamento, o escritor e jornalista Charles Maurras. O sr. Alibert era, há muito, um dos mais escutados conselheiros do marechal em matéria politica e essa circunstancia deve ser tida em linha de conta quando se considera a inimizade que sem-

pre manifestara pelo vice-presidente do Conselho. Na concepção do sr. Alibert, o marechal devia resuscitar em França um regime de ditadura paternal baseada, sobretudo, na sua autoridade pessoal e na irradiação nacional do seu nome, como primeiro passo para uma eventual restauração



do regime monárquico. Esta idéia era naturalmente combatida pelas personalidades que desejavam ver adoptado no seu país o modelo totalitário predominante no Reich e na Itália, considerando essa adaptação como uma das tarefas essenciais prévias para que a politica de colaboração



Para Cálculos rápidos
Facit
Só com 10 teclas
Controle de inscrição
Transporte total das dezenas nos 2 registros
Cômida para pôr a zero
Mecanismo completamente fechado

SOCIEDADE COMERCIAL LUSO AMERICANA, L^{da}
Rua da Prata, 145 R. 54 do Bandeira, 338
LISBOA PORTO

**Escrita rápida
Escrita bonita**



**Com a nova máquina
«HALDA»**

«HALDA» é a máquina de dactilografia veloz. Experimente o seu toque leve, em que a própria barra do tipo, aumenta a sua velocidade.

SOCIEDADE COMERCIAL LUSO AMERICANA, L^{DA}

**Rua do Prata, 145 R. São do Doador, 398
LISBOA PÓRTO**



com os vencedores conduzisse rapidamente a resultados decisivos.

UM PAPEL DE RELEVÓ

Qual foi o verdadeiro papel que estes dois ministros desempenharam no episódio histórico de 13 de Dezembro? Os amigos do sr. Laval, que publicaram na imprensa de Paris largos relatos dos acontecimentos aos quais emprestaram a interpretação que julgaram mais apropriada à defesa do vice-presidente do Conselho, atribuem ao sr. Peyrouton a iniciativa dum das mais audaciosas manobras policiais realizadas nos últimos tempos. Segundo o sr. Peyrouton, ao sr. Peyrouton teria forjado, com todas as peças, a versão do «complot» contra o marechal levando o Chefe do Estado a ver no convite que lhe era feito para visitar Paris uma ameaça directa e iminente não apenas contra a sua qualidade e função políticas mas contra a sua segurança pessoal. A polícia, que recentemente reformara, era constituída por pessoas da sua exclusiva confiança e ter-se-ia prestado a desempenhar o papel que lhe fora atribuído pelo ministro, acando por levar o sr. Laval para a sua propriedade de Chateaufort.

Ainda segundo a mesma interpretação o sr. Albert teria exercido uma influência decisiva junto do marechal para que este desse inteiro crédito à versão do ministro do Interior procedendo em perfeita conformidade com os desejos deste. Certo é que tanto o sr. Peyrouton como o sr. Albert abandonaram pouco depois o governo. O primeiro foi nomeado embaixador para a Argentina onde se conservou durante algum tempo. Abandonou estas funções, em Abril de 1942, quando o sr. Laval voltou ao novo ao governo com plenos poderes de paz para a sua reconciliação com o marechal. Quanto ao sr. Albert abandonou a cena política e o seu nome não voltou a ser invocado em nenhum dos momentos delicados que a política francesa conheceu depois da data da sua demissão.

Entretanto um e outro procederam assim, segundo a opinião dos seus adversários, não apenas por serem no plano da política interna adversários irreconciliáveis do sr. Laval, mas sobretudo porque desejavam ver julgada a política de colaboração em este último representante. Teriam sido eles os verdadeiros precursores do atentado que depois devia conhecer grande voga e exercer uma grande influência nos centros da França depois da guerra.

UMA CAMPANHA DA IMPRENSA

Na cerimónia da trasladação dos restos mortais do duque de Reichstadt, que se realizou em Paris no dia 14 de Dezembro, o governo de Vichy estava representado pelo almirante Darlan, secretário de Estado para a marinha, e cujas probabilidades de recolher a sucessão de Pierre Laval aumentavam à medida que os acontecimentos se precipitavam naquela cidade. O mare-

chal Pétain estava representado pelo chefe do seu gabinete militar, general Lautre. A cerimónia decorreu sem que se tivessem registado quaisquer incidentes. Todas as atenções estavam fixadas na atitude do marechal, do governo de Vichy e nas eventuais reacções de Berlim. A primeira destas reacções foi o envio a Vichy do embaixador Abetz, que depois de ter conferenciado demoradamente com o marechal Pétain, conseguiu a libertação do sr. Laval com quem seguiu de automóvel para Paris. A partida do sr. Laval para a capital da França foi precedida de um encontro entre este político francês e o marechal afim de se esclarecerem as dúvidas suscitadas pelo episódio de 13 de Dezembro. O encontro realizou-se especialmente por influência do embaixador do Reich mas não conduziu a qualquer resultado. Os dois homens mantiveram-se nas posições que haviam escolhido e separaram-se de novo sem que fosse possível realizar uma reconciliação que, nessa altura, parecia ser a única solução possível para encaminhar a política de colaboração novamente no sentido das realizações práticas.

Enquanto em Berlim adoptavam uma atitude de expectativa, a imprensa de Paris iniciava uma campanha violentíssima contra o marechal e os seus mais directos colaboradores. Os jornais da capital afirmavam que a presença de Laval no governo era uma condição essencial para a realização da política de colaboração, afirmando que a actividade dos elementos que privavam de perto com o Chefe de Estado se exercia num sentido nitidamente favorável aos interesses ingleses. Durante algumas semanas tornou-se assim particularmente difícil resolver a crise que se tinha aberto em Vichy. Era a posição do novo ministro dos Negócios Estrangeiros, sr. Flamin, que parecia particularmente visada o que tornava impossível a sua acção no sentido de conciliar a boa-vontade dos representantes do Reich.

O MINISTÉRIO DOS ESTRANGEIROS

Ao tomar conta do seu cargo o novo ministro dos Estrangeiros fizera a seguinte declaração: «Devemos empregar-nos, com toda a energia, na tarefa de reconstrução dum Europa nova na qual nos pertencerá certamente um lugar. Aquêles que procuram desviar-nos da realização desta tarefa, são evidentemente aqueles cujos interesses podem sofrer com isso, pois se não trata de uma simples reforma política mas de uma reforma social».

Enquanto o embaixador Otto Abetz multiplicava em Vichy as suas deliberações que tendiam fundamentalmente a conseguir a libertação do sr. Laval, o almirante Darlan fazia frequentes viagens a Paris, afim de se desempenhar de vários encargos. O primeiro desses encargos consistia em explicar às autoridades de ocupação as verdadeiras razões do episódio de 13 de Dezembro e as suas eventuais repercussões, tal como estas tinham sido encaradas pelo marechal e pelos seus colaboradores ao promoverem o afastamento do poder do sr. Laval.

Em 23 de Dezembro, isto é, apenas dez dias depois daquele incidente, o almirante Darlan avisava-se pela primeira vez, com o Chanceler do Reich depois de ter conferenciado sucessivamente com diversas outras personalidades alemãs dos meios dirigentes político e militares. Segundo a versão oficial desse encontro, o almirante Darlan teria afirmado ao Chanceler do Reich que, sob a égide do marechal em nome de quem falava, a França desejava prosseguir a política de colaboração iniciada em Montoire sem qualquer desvio. Este primeiro encontro foi, entretanto, considerado, tanto em Vichy como em Berlim, como o prelúdio de novos contactos cuja finalidade consistia em fazer aceitar o almirante Darlan como sucessor do sr. Laval e, portanto, como individualidade bastante idónea para realizar a política de colaboração que este último iniciara e que se tentava paladivar em Montoire.

Entretanto era fácil perceber que a partida do sr. Laval, nas condições em que se realizara, continuava a pesar no conjunto das relações franco-alemãs e a exercer, no seu desenvolvimento, uma influência que só terminaria na altura em que o almirante Darlan, com a aquiescência das autoridades alemãs, pudesse ocupar a vice-presidência do Conselho.

O ENCONTRO LAVAL-PETAÏN

Em 18 de Janeiro de 1941 o marechal Pétain encontrava-se, de novo, com o sr. Laval na estação de Le Ferré. O chefe do Estado teve com o antigo vice-presidente do Conselho uma larga entrevista no fim da qual

foi publicado o seguinte comunicado oficial: «Foi por altas razões de política interna que, como se precisou na sua mensagem rádio-difundida, o marechal Pétain prescindiu em 13 de Dezembro da colaboração do sr. Pierre Laval. Essas razões não puderam ser, nessa altura, plenamente explicadas à opinião pública francesa. Resultou desse facto que se criou um estado de relativa perturbação nos espíritos que muitos jornais de Paris não hesitaram em explorar ao sabor das circunstâncias de momento.

O Chefe de Estado deseja que, mais do que nunca, se faça a sua volta a união de todos os franceses. Mais do que nunca lhe cabe o dever de afastar a possibilidade de uma divisão dos espíritos. Mais do que nunca, portanto, ele deseja dissipar os mal-entendidos que poderiam perturbar as boas relações entre o governo francês e as autoridades de ocupação. Mais do que nunca, portanto, ele deseja que se criem as condições que levaram o marechal Pétain a afastar-se com o sr. Pierre Laval.

Nada foi modificado, nem na nossa política externa, que continua a ser o que era antes como depois da partida do sr. Pierre Laval, nem na nossa política interna que aparece simbolizada na personalidade do marechal, chefe único da França livre, da França ocupada e da França de além-mar. Amanhã, como ontem, os seus ministros são apenas responsáveis perante eles.

Esta linguagem reflectia o pensamento profundo do marechal em relação aos seus colaboradores, no número dos quais se contava o sr. Laval. Esses colaboradores, qualquer que fosse a sua categoria ou a sua situação transitória, eram membros de uma das tarefas que ele se propusera realizar e nunca os autores ou intérpretes dessa tarefa. O erro do sr. Laval fora certamente acreditar em que a sua posição especial em relação às autoridades de ocupação lhe conferia privilégios que iam ao encontro das prerrogativas do marechal.

LIQUIDAÇÃO DUM INCIDENTE

A nota officiosa publicada em seguida ao encontro Laval-Pétain terminava com a seguinte revelação: «O Chefe de Estado, em seguimento da política iniciada em Montoire, propôs ao presidente Laval entrar no governo com a categoria de ministro de Estado. O presidente Laval declinou o oferecimento que lhe foi feito pelo marechal».

Precisam efectivamente dissipados os mal-entendidos que se haviam citado entre os dois homens em 13 de Dezembro? Qual era o fundo do oferecimento feito pelo marechal ao seu antigo colaborador para que este regressasse ao governo com a categoria de ministro de Estado e, por consequência, sem nenhuma função efectiva? Certo é que o sr. Laval declinou o oferecimento, decerto por julgar que ele não correspondia aos seus desejos profundos. Ao mesmo tempo o antigo vice-presidente do Conselho entendia que a sua hora não passara irremediavelmente e que ainda lhe seria possível voltar ao governo, não por simples condescendência do marechal mas em nome dum imperativo de ordem nacional e internacional. Efectivamente um ano depois, em Abril de 1942, o sr. Laval voltou ao governo mas as circunstâncias haviam sofrido uma transformação tão profunda que a política de colaboração já não era viável nas bases assentes durante o encontro de Montoire; a colaboração tinha um outro significado que se traduziria, dentro em pouco, pela ocupação total do território francês com todas as suas consequências.

A hora de Laval efectivamente passara. Era a hora de Darlan que passara; o almirante ia substituir o político e realizar em seu lugar um trabalho que procurava ser, ao mesmo tempo, de colaboração e de atentismo. Entretanto permaneceu firme o governo, durante cerca dum ano, o almirante fez o possível para evitar que se agravasse o peso das cargas que a sua pátria suportava e, ao mesmo tempo, esforçou-se por não perder a confiança das autoridades de ocupação. A sua tarefa foi bastante facilitada pela marcha dos acontecimentos que decorreram num plano sensivelmente diferente daquele que o sr. Laval conheceu e que era o plano da vitória alemã a breve prazo.

(Continua)

Novas CÓRES DE PO'

em harmonia com
**AS ÚLTIMAS
MODAS**



**PROVOCANTES
MÁGICAS
OUSADAS**

As últimas
coleções
dos Costurei-
reiros revelam-nos que

os vestidos desta «saison» exigem tonalidades novas nos tons. Pode-se agora encontrar estas últimas cores — criadas por uma célebre Especialista de Beleza — na nova escala sedutora do Pó Tokalon.

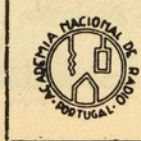
«Naturelles» — pura beleza transparente para as peles muito brancas.

«Pêches» — um brilho rosa dourado convidado à maior parte das louras e às morenas de tez clara.

«Brun-Soleils» — encanto sedutor para as morenas... e outras cores encantadoras, mais luminosas e mais vivas que todas as que se têm visto até hoje.

O Pó Tokalon é aerificado — o que o torna dez vezes mais fino — parece natural. Tem o perfume e o aroma das flores verdadeiras e mantém-se o dóbro do tempo, porque é misturado com a «Mousse de Creme», processo patenteado.

Peça hoje mesmo as novas cores tão lisonjeiras do Pó Tokalon. A venda em todas as perfumarias e boas casas do ramo. Não encontrando, escreva para o Depósito Tokalon, Rua da Assunção, 88-2.º, Lisboa, que atende na volta do correio.



APRENDA RADIO

Encontrará nos nossos cursos um ensino atraente, completo e fácil
Peça folhetos grátis á

ACADEMIA NACIONAL DE RADIO

AVENIDA DR. MANUEL LARANJEIRA, 12

PORTO



LAVOISIER

A MORTE DE Lavoisier

FOI COMEMORADA NA ACADEMIA DAS CIÊNCIAS

Por SILVA BASTOS

S gênios costumam pagar muito caro o preço da sua imortalidade.

Antoine Laurent Lavoisier, ou simplesmente Lavoisier, pagou com a própria vida o mérito de ter sido o fundador de toda a química moderna.

Foi perseguido, escarnecido — riram-se das suas teorias revolucionárias os maiores ignorantes que se julgavam sábios — mas Lavoisier, a pouco e pouco, indiferente aos ódios e às malquerenças, foi impondo o seu génio para glória da França.

Os sábios de Berlim, quando da célebre experiência da composição do ar, queimaram-no em estátua e quiseram com este gesto simbólico testemunhar publicamente que repudiavam as teorias desse homem que se atrevera a contradizer um erro milenário — aceite como verdade absoluta.

Façamos justiça, no entanto: esses mesmos sábios, que tão ruidosamente se manifestaram contra Lavoisier foram, depois, dos primeiros a renderem-se à evidência das descobertas realizadas e a aceitarem as novas teorias do sábio francês.

O génio de Lavoisier irrompia em caudal, com uma exuberância que fazia tremer a incompreensão científica da época. Mas as suas descobertas sucessivas, demonstradas naturalmente pelas experiências mais simples, acabaram por abrir os olhos aos mais recalcitrantes e quando Berthollet, em plena sessão da Academia, se declarou partidário incondicional da nova teoria da composição do ar, foi o mesmo que dizer que se encontrava vencida a maior opposição científica que Lavoisier tinha encontrado. Em breve os gigantes da época, Monge, Condorcet e Fourcroy, se renderam também. O grande sábio francês vencera em toda a linha. Para o futuro já não lutaria com a incompreensão e a ignorância, mas teria de sucumbir vítima de si próprio e dos ódios que semeara.

A sua contribuição para o progresso da Ciência entra nos domínios do impossível, tal a sua grandeza, a sua amplitude e o seu valor.

No relatório da Academia das Ciências Francêsas do ano de 1782, lê-se esta simples nota que traduz perfeitamente o que foi a vida deste Homem de Ciência e de trabalho:

«O sr. Lavoisier apresentou este ano tantas memórias que foi impossível publicar todas».

De facto, se a sua vida teve a curta duração de 51 anos, a sua obra mais importante pode ser resumida nesta simples nota:

— *Renovador da ciência química.*

— *Introdução do uso corrente da balança nas operações de química;*

— *Teoria exacta da combustão e da oxidação dos metais;*

— *Composição do ar;*

— *Composição da água;*

— *Os ácidos, os óxidos metálicos, os sais;*

— *Lei da conservação da matéria;*

— *Análise imediata;*

— *Respiração, transpiração;*

— *Calor animal;*

— *Nomenclatura química (com Morveau, Berthollet, Fourcroy);*

— *Os elementos químicos.*

Se é certo como disse Dumas, o seu continuador, que Lavoisier não descobriu as acções que os corpos exercem uns sobre os outros, porque tais acções já eram conhecidas pelas artes e útilmente aproveitadas pelos laboratórios, a verdade é que pertence ao grande sábio a glória de as explicar e de formular as suas teorias. Wurtz resumiu nestas palavras de justa admiração um dogma que constitue a maior glória científica da França:

«A Química é uma ciência francesa, foi constituída por Lavoisier, de eterna memória.

* * *

A nossa Academia das Ciências para se associar às comemorações do bi-centenário da morte de Lavoisier levou a efeito um programa de trabalhos que teve o seu ponto culminante na sessão do passado dia 3 do corrente.

Os Professores Egas Moniz, Charles Lepierre e Pereira Forjaz falaram de Lavoisier, Homem e Cientista, com o alto prestígio das suas honras académicas.

Lavoisier foi assim «sentido» em Portugal no ambiente que lhe era devido e com o brilho que o seu nome exigia.

No momento em que a França comemora a morte inglória de um dos seus filhos mais sábios, é, precisamente, quando as palavras desse homem têm o maior sabor de eternidade.

«Na Natureza nada se perde nem nada se cria: tudo se transforma». Transforma-se o Mundo, perdem-se virtudes e desaparecem civilizações. Mas o que nunca se perde, o que nunca morre, é a glória dos homens que o souberam receber.



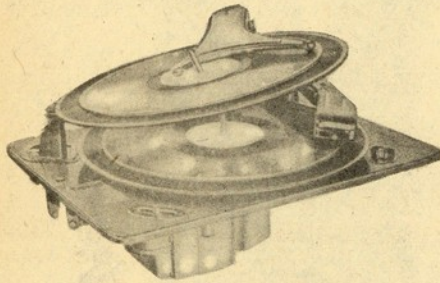
LAVOISIER

(Reprodução dum retrato de Davelli)

DISCOFONES

Com mudança automática de Discos

em caixas de belo acabamento, permitindo a audição de 8 discos grandes e pequenos sem qualquer interrupção



O aparelho ideal para os amadores de boa música

Est. Valentim de Carvalho

Rua Nova do Almada, 97

COMPANHIA NACIONAL DE NAVEGAÇÃO

LINHA DA AMÉRICA

PAQUETE

“Nyassa”

Para FILADELFIA no dia 16 de Junho — Recebe carga e passageiros

NAVIO/MOTOR

“S. Tomé”

Para FILADELFIA em princípios da segunda quinzena de Junho — recebe carga e passageiros

PARA MAIS INFORMAÇÕES:

Em Lisboa:

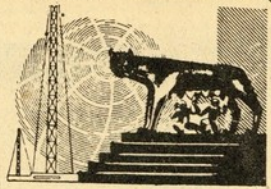
Rua da Comércio, 79 e 85
Telef. 2.3021 a 2.3026

No Porto:

Rua Infante D. Henrique, 73
Telef. 1434

ESCUTAI

ROMA



NOVO HORÁRIO
NOTICIÁRIO EM LÍNGUA PORTUGUESA
TODOS OS DIAS

Horas de Portugal	Programa	Postos	Metros	Kc/s
7.40	Noticiário	2 RO 21	19.92	15060
		2 RO 4	25.40	11810
12.20	Comunicado de guerra	2 RO 17	15.31	19590
		2 RO 8	16.84	17820
13.30	Noticiário	2 RO 8	16.84	17820
		2 RO 21	19.92	15060
17.00	Noticiário	2 RO 17	15.31	19590
21.00	Noticiário	2 RO 4	25.40	11810
		2 RO 3	31.15	9030
21.40	Noticiário	2 RO 6	19.61	15300
		2 RO 4	25.40	11810
		2 RO 18	30.74	9760
		2 RO 11	41.55	7220
		2 RO 26	48.23	6220
			221.10	ondas
23.30	Noticiário		263.20	médias
		2 RO 6	19.61	15300
		2 RO 19	29.04	10390
		2 RO 18	30.74	9760

CONVERSÇÕES EM LÍNGUA PORTUGUESA

21.10	Aos domingos	39.80
21.20	Às quartas-feiras	31.41

E. I. A. R. CENTRO RADIO IMPERIALE

Vida MUNDIAL

NOVOS PREÇOS DE ASSINATURA

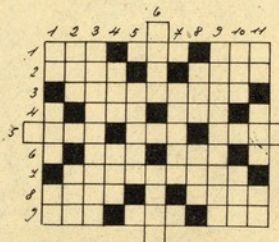
CONTINENTE E ILHAS ADJACENTES	ESTRANGEIRO (com convenção)
3 meses (13 números).....	13\$00
6 " (26 ").....	26\$00
12 " (52 ").....	52\$00
AFRICA PORTUGUESA	ESTRANGEIRO (sem convenção)
6 meses (26 números).....	47\$00
12 meses (52 números).....	94\$00

“VIDA MUNDIAL ILUSTRADA”, é composta e impressa nas Oficinas Gráficas Bertrand (Irmãos), L.^{da} — Travessa da Condessa do Rio, 27 — Lisboa. — Distribuidores exclusivos para Portugal e Colónias: Agência Internacional, Rua de S. Nicolau, 119, 2.^o — Telefone 2.6942.

VISADO PELA COMISSÃO DE CENSURA

PALAVRAS CRUZADAS

PROBLEMA N.º 68



8 — Vestuário; Tira de fígado, temperada e frita. 9 — Unidade das medidas agrárias; Maltica; Bom (inv.).
VERTICAIS: 1 — Nota musical; Espaço de vinte e quatro horas; Nota musical. 2 — Governanta; Entregue. 3 — Pequeno ramo de flores. 4 — Contração de prep. e art. f. (pl.). 5 — Murmurar (inv.). 6 — Miséria; Estimar. 7 — Planta oleosa. 8 — Porquê; Monarca. 9 — Andaime. 10 — Parente; Vazia. 11 — Ligação; Nome de mulher; Art. f. (pl.).

SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.º 67

HORIZONTAIS: 1 — Atia; Brim. 2 — Margarida. 3 — Ar; Uma; Al. 4 — Pausa. 5 — Nu; Vá. 6 — André. 7 — Ad; Era; Ai. 8 — Madalena. 9 — Área; Alar.
VERTICAIS: 1 — Amas; Cama. 2 — Lar; Dar. 3 — Ir; Pua; Gé. 4 — Água; Média. 5 — Amurara. 6 — Brás; Rala. 7 — Rt; Avo; El. 8 — Ida; Ana. 9 — Mala; Fiar.

a. J.

10/6



ESTA é a fotografia mais recente de Chang-Kai-Chek, o grande chefe da China. No seu gabinete de Chung-King o generalíssimo lê o seu livro «Os destinos da China», agora publicado, e que constitui o verdadeiro livro da Pátria para todos os chineses que lutam incansavelmente contra os invasores do seu país.